
Fugir do homem mostrou-se impossível.
Resistir a ele, mais ainda.
O Perverso
AUTORA BESTSELLER DA AMAZON
JOSIANE VEIGA

Table of Contents

Dedicatória:
Nota da Autora:
Nota da Autora 2:
Prólogo
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

O

Perverso



É proibida a distribuição total ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos pertencem a Josiane Biancon da Veiga

ISBN: 9781976816260

Esse livro faz parte da lenda dos Reinos.

Os demais livros na ordem:

Esmeralda

Avassalador – Duologia Destinados, livro 01

Arrebatador – Duologia Destinados, livro 02

O Vilão

O Pecador

Sinopse

O amor e o ódio mesclados nas geladas terras de Bran.

Lana era uma Vagante, membro de um clã que andava entre os reinos em busca de trabalho. Aprendeu a arte da dança e das ervas desde cedo e, desde cedo, sonhou com liberdade.

Contudo, quando levada até o norte de Bran, viu-se alvo dos desejos voluptuosos de Brian Clark, o novo Senhor de Castelo Branco.

Fugir do homem mostrou-se impossível. Resistir a ele, mais ainda. Mas, havia uma promessa feita a Deusa Masha. Lana precisava do homem certo para trazer ao mundo o Deus Bran. E esse homem com certeza não seria alguém tão perverso quanto o homem audacioso que a fazia tremer.

Sumário

Dedicatória:

Nota da Autora:

Nota da Autora 2:

Prólogo

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Dedicatória:

Mesmo que os dias passem, que muitas obras – incríveis – surjam no cenário nacional, os leitores da Saga dos Reinos permanecem fieis. Então, a cada um deles, dedico cada palavra, cada linha, cada sentimento, riso ou lágrima, que transcorreu em todas as páginas. Nunca serei capaz de expressar o tanto que são importantes para mim.

Muito obrigada.

Josiane Biancon da Veiga

Nota da Autora:

Até hoje, um dos pontos fortes da Saga dos Reinos era o fato de que você poderia ler qualquer dos livros sem ordem precisa, que os entenderia.

Isso tem fim, agora, em **O Perverso**. A junção das pontas soltas dos outros livros praticamente se resolve nesse. Mesmo que consiga lê-lo sem conhecer o restante da série, seria uma perda inestimável não compreender as nuances da história em sua totalidade.

Portanto, pela primeira vez desde que comecei essa Saga, suplico: Se você não leu os outros cinco livros, por favor, leia-os antes de começar esse.

Porque eu quero que sintam tudo que preparei, tudo que deixei aberto, todas as histórias amarradas, sendo agora completamente resolvidas. Claro, existem mistérios nesse que se resolverão no livro final, mas algumas cenas são por demais preciosas e revê-las sobre nova ótica é algo que organizei para vocês com muito cuidado e amor.

Esse é o Penúltimo Livro. Um dos mais intensos, dos mais fortes, dos meus favoritos. Ele não é um drama, não tem a intenção de emocionar ou de fazer pensar. Nisso, os demais livros se encarregam. É mais um livro para demonstrar que o bem pode sim vencer o mal. Mas, que o mal engana, e é preciso cuidado.

É um dos meus livros favoritos. Espero que seja de vocês também.

Josiane Biancon da Veiga

Janeiro 2018

Nota da Autora 2:

Já tem algum tempo que os leitores repararam que minhas obras estão mais curtas e ágeis. Eu já havia explicado isso em outros livros, mas vou repetir aqui.

Tenho sim obras que exploram a natureza humana, suas emoções, suas dores, de forma minuciosa. A Insígnia de Claymor, Kinshi na Karada, Esmeralda... (Entre outras) lê o sentido da palavra HUMANIDADE com muita franqueza.

Contudo, um dos grandes motivos de eu ainda permanecer na literatura nacional são os leitores. E **A MAIORIA** não tem mais interesse em obras que se levam dias para entender, ler, classificar. A maioria quer livros mais rápidos, sem enrolar, mas que conseguem divertir e entreter.

Eu estou pela maioria, não por falta de personalidade, mas porque descobri que eu sou boa nisso (em não enrolar!). E descobri que ainda consigo tocar o coração dos meus leitores mesmo não “enchendo” páginas e mais páginas de palavras vazias.

Se um dia eu ver a necessidade de estender as obras além do necessário, farei. Enquanto isso, agirei pelo meu instinto e coração.

Tudo que eu faço, cada linha, cada palavra, é por vocês, leitores.

Permaneço fiel àqueles que mantêm meu sonho vivo.

Josiane Biancon da Veiga,

17 de janeiro de 2018.

Prólogo

Mães



— Quem é você?
— Sou Mah, senhora.
Avassalador, página 55.



O vento balançou as madeixas negras da bela braiana sentada ao cais de um dos muitos portos da terra de Masha. Ao longe, o mar sacudia os navios e veleiros, como se numa dança carregada de mistérios.

Não havia, contudo, mistérios para Lana.

O que ela era. O que ela fazia. A quem pertencia.

A jovem de poucas mais de vinte primaveras havia nascido em uma tribo

nômade que cruzava os oceanos de tempos em tempos, em busca de trabalho.

Os homens faziam o que estivesse à disposição nas terras que desembarcavam. E as mulheres causavam alvoroço por alegrar as pessoas das cidades com suas danças e sabedoria de ervas.

Sem dúvidas, era uma vida difícil, mas também satisfatória. Seu clã, seu povo, chamado há séculos de Vagantes, era um motivo de orgulho para a jovem, e ela não escondia isso na forma de se vestir e de portar os adornos chamativos.

Seus brincos eram longos e de pedras vibrantes. Os vestidos, em cores berrantes, sempre afinavam na cintura, onde ela portava uma bela presença.

Era linda. Mesmo numa terra de mashianas, chamava a atenção.

O pai, um homem sábio e de liderança no núcleo dos Vagantes, pensava com frequência sobre o futuro da filha, especialmente envolvendo casamento, mas não a induzia isso, em muito porque Lana tinha um temperamento difícil, em muito porque não achava homem que estivesse à altura dela.

Mesmo assim, naquele instante, ao ver o romantismo das ondas bailando e de uma nova aventura à sua frente, ela imaginou se dividiria isso com alguém, algum dia.

Sorriu, otimista.

Começou a afundar-se em sonhos pueris quando a presença de uma mashiana no cais lhe cruzou os pensamentos.

Encararam-se. Logo, a mulher se aproximou.

— Bom dia — cumprimentou, insegura. — Sabe me dizer se o navio que parte para Cashel já zarpou?

— Não — negou a outra. — Houve um problema no abastecimento das embarcações e muitas estão paradas.

A ruiva assentiu.

— Com licença. — A ruiva preparou-se para distanciar-se quando ouviu o som feminino, gentil, a interrompê-la.

— Está sozinha? Sente-se aqui comigo. Ainda levará algum tempo para os passageiros embarcarem.

— Não acho prudente — negou. Porém, indagou em seguida. — Irá para Cashel?

— Bran — explicou. — Meu pai conseguiu emprego nos cortes de lãs das ovelhas da famosa Casa Clark.

O som pesado de botas denunciou a presença de mais alguém. Lana ergueu os olhos de onde estava sentada e visualizou Simon, braço direito de seu pai, a encará-la com horror.

— Como se atreve a ficar trocando palavras com uma meretriz?

Lana arqueou as sobrancelhas. O fogo que existia nela, sua pequena parcela de Masha no sangue – herança materna – que brilhava seus olhos verdes-esmeralda logo fê-la se erguer.

— Ela é uma puta?

Usou a palavra de baixo calão porque sabia que Simon não gostava de vê-la falando assim. E ela queria demonstrar ao homem que ele não tinha poder algum sobre ela.

— Não é óbvio? — ele ergueu a mão para a ruiva, que se encolheu.

— Eu só vejo uma mulher — Lana volveu-se para ela também, e sorriu. — E muito bela, diga-se de passagem.

O homem se revoltou diante do tom complacente.

— Falarei ao seu pai.

— Leia meus lábios, Simon — pediu. – Fo.. — começou a soletrar. — da-se.

Simon enrubesceu e afastou-se. Até porque a conhecia desde a infância e sabia que Lana iria fazer o que desejava, não importando o que ele pensasse.

— Esse homem me causa repugnância — Lana murmurou, quando ele sumiu no horizonte. — Prefiro cortar os pulsos a me casar com ele.

— É seu noivo?

— É o que ele quer, mas eu jamais aceitaria.

A ruiva pareceu surpresa.

— E em seu povo as mulheres têm poder de decisão?

— Não sei — foi sincera. — Nunca perguntei as outras. Mas, eu tenho. E o homem que não gostar disso pode tentar me convencer pela espada. Garanto que muitos deles perderiam a vida.

A ruiva adorou aquela autonomia e não escondeu isso.

— Bom, devo ir — disse, em seguida, contudo. — Não quero manchar sua reputação.

— Eu não me importo com reputação.

— Nem precisa, logo se vê que é uma mulher de grande valor.

A ruiva começou a caminhar pelo convés.

— Como se chama? — Lana indagou, à distância.

— Mah, senhora — murmurou. — Eu sou Mah.

Lana agachou-se e voltou a sentar-se na escadaria do cais. Seus olhos ficaram fixos na outra, por algum motivo, até que ela sumisse.

Era uma estranha sensação de irmandade, como se ambas fossem feitas para o mesmo propósito.

Subitamente, outro som de passos. Havia muitas pessoas naquele cais, mas ela arrepiou-se pela presença que se aproximou.

Era instintivo.

Seus olhos arregalaram diante da figura de beleza estrondosa diante de si.

Ruiva, muito parecida com a outra, a meretriz, essa denotava uma aparência sem igual. Linda, de cabelos longos que cascateavam quase até a cintura.

De alguma maneira, ela sabia que aquela era Masha.

Petrificou-se.

— Conhece a história da mãe do Rei Iwan? — A ruiva indagou, sorrindo. — Quando Andrew Clark desfez o noivado com Elisabeth, e a prometeu a um homem asqueroso, ela teve dúvidas sobre o que fazer. Então, uma jovem empregada surgiu no corredor e lhe indicou o caminho. Ela se chamava Mah.

Lana sentiu o ar faltar.

— Era aquela mulher?

— Não, era eu. — Masha sorriu. — Eu amo esse nome... Amo Mah desde que ela foi planejada, tantos e tantos anos antes. — Volveu para o lugar onde a ruiva acanhada havia sumido. — Ela já sofreu tanto e nada pude fazer por ela. Foi enganada por um braiano que a desonrou, e foi abandonada pela família. Não teve saída além da prostituição. Manteve o coração puro mesmo diante de todas as humilhações; nunca blasfemou, nunca teve qualquer desejo de fazer o mal... Como eu poderia não amá-la com todas as minhas forças? Guardei sua semente com muito zelo. E foi um longo caminho que se manteve em muitos ventres desde que Cael de Masha se deitou com uma mulher qualquer há séculos.

Lana sentiu os olhos transbordando diante do amor nas palavras.

— Minha mãe... — Masha murmurou. — Mah será minha mãe. Está indo a Cashel para deitar-se com um homem escolhido pelos deuses. Um dia, essa informação será importante para você.

— Minha Deusa... — murmurou, assombrada.

— Você irá para Bran. E, com o homem certo, também se deitará. Dará a luz a um menino, um puro. O nome da criança será Bran.

Depois disso, Masha começou a se afastar-se. Lana mal conseguia respirar diante do fato.

— A Princesa Élen partirá dentro de algum tempo para Cashel. Ela e Mah terão filhos do mesmo homem...

—... Porque Cashel e Masha são irmãos — Lana completou.

A deusa ruiva sorriu.

— Você sempre é tão esperta. Seja esperta assim para não deixar que te ludibriem quando achar o pai de Bran.

Lana assentiu.

— Boa sorte — a Deusa murmurou.

E sumiu completamente.

Lana não sabia, mas iria precisar. E muito.

Capítulo 01

B r i a n

Não era de se estranhar que o tempo parecia não passar naquele pedaço do mundo. Desde os primórdios, Castelo Branco parecia exatamente igual.

Se você olhasse com cuidado e atenção, quase poderia enxergar Lis caminhando assustada entre os corredores, e Joshua a cuidar dos cavalos feridos no estábulo.

Mas, o tempo havia passado. O avô Andrew, antigo senhor, já havia falecido há muitos anos e, agora, aos pés de um velho carvalho, Brian Clark enterrava o pai e a mãe, vítimas da mesma gripe que parecia derrubar a todos naquele inverno sem fim.

A neve nunca cessava de cair...

Não que ele sentisse muito. Ao contrário dos tios-avôs, Joshua e Lis, os pais não eram muito afetivos. Estranhamente, ele herdou aquela faceta.

Não tinha o costume de chorar, então não pranteou. Demonstrava seu respeito apenas mantendo o silêncio enquanto o sacerdote de Bran fazia suas rezas e cerimoniais.

A neve nunca cessava de cair...

Brian desviou o olhar dos caixões de madeira e volveu os olhos para o

céu. As pequenas partículas brancas tocaram sua pele e o envolveram em seu luto.

Estava frio. Sempre estivera frio.

Castelo Branco nunca mudava.

— E que Bran os receba em seu manto de luz — o sacerdote disse, encerrando.

Brian assentiu, e se afastou. Ninguém o seguiu. Não porque queriam deixá-lo em privacidade para vivenciar a perda dos pais, mas porque ele tinha o temperamento do primo Rei, Iwan.

Não era de muitas palavras. Nem de doçura. Na verdade, sua voz era rouca e austera, seu semblante sempre sério.

Mas, era bonito. Mais que isso. Tinha os cabelos longos, negros como a noite. O olhar também, um legítimo filho do norte. A barba rasa cobria a parte inferior do rosto, e as olheiras escuras debaixo dos olhos denotavam o quanto ele se preocupava com o destino que agora se abria a ele.

Todas as responsabilidades... Todo um povo... Manter o apoio ao Rei Iwan, evitar golpes de Estado... Lutar para manter suas terras prósperas... Será que estava preparado?

— Você sabe... — Uma voz chegou até ele. Volveu os olhos e observou o homem que se parecia consigo, mas já de avançada idade. — Estou aqui.

Joshua, irmão de seu avô Andrew, era família. Não parente, família. Parente era apenas um laço sanguíneo. Família era o elo que se poderia contar em qualquer momento. E ele estava indicando exatamente isso em suas palavras.

— Como vai Elisabeth? — indagou, por cortesia.

— Lis sentiu o efeito da morte de Andrew mais do que eu — Joshua murmurou. — Apesar de tudo que houvera, eles foram bons amigos. Sua saúde só fraquejou após isso.

— É estranho isso, não? Meu avô dizia que a havia magoado muito.

— Amizade é assim. As verdadeiras — apontou. — Às vezes elas nos machucam, mas falhar é condição humana. Lis entendeu isso e o perdoou. Ela lamenta não estar aqui para você, hoje.

— Não se preocupe com isso.

Joshua assentiu.

— Brian, não há vergonha em chorar ou sentir a dor de perder seus pais.

O outro riu, baixo.

— Conhece os podres dessa família muito bem, Joshua. Sabe que não tenho motivos para prantear a morte deles.

O outro assentiu.

Quando Brian Clark, o novo senhor de Castelo Branco, afastou-se, Joshua murmurou consigo mesmo:

— A fidelidade entre irmãos é uma marca que nunca mudará entre os Clark.



Brian visualizou o traço do veludo escuro entre as árvores. Reconheceu-a imediatamente. Caminhou na direção feminina, e percebeu os olhos lacrimejantes da mulher.

— Eu sinto muito — ela murmurou.

Brian deu os ombros.

— Eu queria estar ao seu lado — Edna murmurou.

Ele sorriu pela primeira vez, naquele dia. Edna e seus longos cabelos negros, seu olhar gentil e seu tom suave sempre tinham o poder de tranquilizá-lo. Aproximou-se, e a apertou nos braços, aspirando seu perfume suave de jasmim.

— Não é bom que nos vejam juntos — Edna o afastou.

— Os velhos estão mortos. Ninguém mais irá puni-la.

— Mesmo assim, não quero comprometê-lo.

— Você não é uma mancha — ele negou. — É minha preciosidade.

Ela sorriu. Era jovem. Pouco mais de vinte anos, mas tinha muita experiência de vida. Foi mãe jovem, aos quinze, e quando deu à luz naquele casebre em meio à floresta de Bran, Brian, um pouco mais velho do que ela na época, foi o único a segurar sua mão.

Lembrava-se de ninguém lhe oferecer guarida por sua condição. Solteira, grávida, tratada como imunda, nem mesmo as parteiras ou sacerdotisas quiseram ampará-la. Mas, Brian estava lá. Ele já havia ajudado a colocar muito bezerro no mundo e fez seu parto.

Quando Ewen nasceu, Brian foi o primeiro a pegá-lo no colo. Chamou-o de dádiva dos céus, porque era tão pequeno, mas tão imediatamente importante, que ele muito se emocionou.

Não que tivesse sido uma vida fácil, desde então, mas Brian havia ajudado muito. Ele levava comida a Edna e a amparava na educação do menino.

Com sua presença forte, a havia protegido dos populares e dos próprios senhores do feudo. A história de que o futuro senhor de Clark tinha uma amante e um filho na floresta se espalhou, o que de certa forma a manteve segura.

Todos conheciam Brian, todos sabiam que não deviam provocá-lo.

— Irá navegar em breve? — ela indagou.

— Alguns Vagantes estão chegando às terras — Brian murmurou. — Não irei antes de assentá-los e lhes explicar sobre a tosa.

— Não gosto quando viaja em Maldito. Não confio naquele barco.

— É uma merda de barco, mas nunca me deixou na mão.

A contragosto, Edna concordou. Era uma questão simples. Brian Clark sempre estava certo.



Os Vagantes chegaram um mês após o enterro dos pais. Era costume dos senhores de Castelo Branco contratar ajudantes na época em que a neve diminuía e que a lã precisava ser tosada.

Era um povo muito barulhento. Havia risos e alegria descomedida entre eles. Brian os odiou, porque odiava a felicidade. Odiou ainda mais quando percebeu o maldito Mael conversando com o líder do povo como se fosse direito seu.

Aproximou-se, os passos pesados, a pele enrubescida pela raiva.

A raiva era algo difícil de ser controlada, especialmente quando se tratava do capataz. Diziam-se a bocas pequenas que Mael era filho de uma irmã bastarda da mãe. Por isso, a antiga senhora sempre o protegeu. Se eram primos, era dever de Brian o proteger também. Mas, só havia raiva e repugnância em si diante do desgraçado.

— Saia — ordenou. Queria que ele se afastasse antes de discutir com o líder dos Vagantes sobre a permanência deles na região. — Desapareça da minha frente.

Mael sorriu, sedutor. Nunca se incomodava com as palavras ásperas do outro. Quando o braiano de cabelos negros sumiu, Brian volveu ao outro:

— Você é Elbio? — indagou, estendendo a mão.

O homem assentiu, aceitando o cumprimento.

— Meu povo precisa de trabalho e somos bons com os animais.

— Dizem que os Vagantes sequer comem carne — Brian apontou.

— Seguimos o exemplo do Rei Ruivo.

— Não sei se sobreviverão ao inverno do norte sem gordura.

— Já trabalhamos em Castelo Negro em um inverno e ninguém morreu — devolveu.

Brian assentiu.

— Existem casas espalhadas...

— Nós temos nossas tendas. Não carece se preocupar com nosso conforto. Somos um povo que gosta de estar em contato com a natureza.

Se era assim, que se danassem. Brian resolveu se afastar, quando seus olhos chocaram-se com uma beldade de cabelos negros e olhos verdes.

Era extremamente chamativa. Usava um longo vestido vermelho, os cabelos soltos, livres, balançando ao vento. Tinha tantas pulseiras nos braços, tantos cordões no pescoço e anéis nos dedos, que Brian pensou que ela simplesmente gostava do fato de chamar a atenção.

E como chamava...

Mesmo sem os adornos, chamaria.

— Minha filha, Lana — o homem atrás de si percebeu seu choque imediato.

Engoliu em seco. Não era dado a sexualidade. Suas preocupações nunca abriam espaço para rompantes românticos. Mas, definitivamente, o que quer que fosse que emanasse da mulher, parecia atraí-lo de forma espetacular.

— É uma bela jovem.

— Não diria isso se a visse abrindo a boca.

— Por quê? Tem os dentes estragados?

O pai gargalhou diante da pergunta.

— Falo do temperamento. Tem sangue forte, quente. Nunca consegui controlá-la. Tem pretendentes — contou —, um jovem chamado Simon, mas acho que ele perderia a paciência nos primeiros dias do casamento, e bateria nela assim que Lana despejasse nele suas inquietações.

Brian sorriu.

— Uma pessoa que diz o que pensa deve ser admirada, não machucada.

— Bem se vê que nunca falou com ela.

— Meu primo Iwan é assim, e eu o admiro muito.

— Ele é homem.

— Num mundo cheio de falsidade, homem ou mulher que ousa ser verdadeiro deve ser respeitado.

Elbio não escondeu a surpresa.

— É casado, jovem senhor?

— Não.

— Se interessar-se por Lana, saiba que terá meu apoio.

Brian volveu ao homem, espantado.

— Não me conhece.

— É duro como ela. — apontou. — Eu vi como falou com o rapaz que me recepcionou. É o tipo de homem que Lana não vai passar por cima. Ela terá que respeitá-lo para conseguir viver, assim como você a ela.

— Não me teme? — Brian quase gargalhou. — Se acha o tal Simon violento, não faz ideia do que dizem de mim.

— O chamam de "*O Perverso*". — Demonstrou sabedoria. — Dizem ser duro, irritável, e sem modos. Mas, se tentar abusar da boa vontade dela, ela o colocará nos eixos e o manterá na coleira como um velho cachorro.

Era uma provocação? Um desafio? Brian estava quase fadado a aceitá-lo.

Sorriu e se afastou do bando. Aquele inverno seria deveras interessante.

Capítulo 02

L A N A

A dança febril dos Vagantes faziam todos os corpos se mexerem.

Mesmo os tímidos batiam o pé, ao som da gaita e do tambor, enquanto as mulheres do clã giravam em sintonia em volta da fogueira.

Brian Clark estava errado se achava que os Vagantes sofreriam pelo frio. Aquela noite gelada, onde se aqueciam com vinho e música, provava isso.

Aquele povo andante, que sempre estava de um lado para o outro, vivendo onde arrumasse trabalho, e sem criar raízes, não temia as montanhas de Cashel, o calor de Masha ou o gélido ar de Bran.

Eram bravos! Nenhuma terra, por mais inóspita que fosse, os acovardava.

— Bran?

O velho sacerdote do norte encarou a jovem Vagante, e percebeu o brilho de interesse nos olhos verdes.

— Sim, mestre — Lana murmurou. — Conte-me sobre o Deus dessa terra.

O velho Aedh, cujo sacerdócio remetia aos tempos de feudo de Andrew Clark, sorriu diante da questão.

Não que fosse fácil. Nada sobre Bran era.

— Você sabe... — ele murmurou, gentil, segurando as mãos femininas.

Ao longe, o povo prosseguia na dança e a música se tornava ainda mais animada. Muitos batiam palmas e riam, como se o tempo fosse algo de tamanho tal que precisasse ser aproveitado ao máximo.

Contudo, sacerdote e mulher permaneciam alheios à alegria.

— Todos falam de Masha — ele apontou. — A Deusa das terras quentes, do temperamento incontrolável e da luta. Falam de como ela é exigente com seus ruivos, de como é justa, mas colérica. Também falam de Cashel. O sábio Cashel.

— O Deus do autocontrole, do juízo — Lana completou. — O Deus que se importa, o Deus que sempre aparece para os seus, tentando lhes transmitir mensagens.

— Mas, de Bran, pouco se é dito. Apenas, que ele e Masha têm uma relação que para alguns é considerada rivalidade, para outros, amor.

Lana mordeu o lábio inferior.

— Ouvi rumores de que ele apareceu, anos atrás, para a avó da futura Rainha, Melissa.

— É verdade, minha querida — o homem afirmou. — É um evento raro, mas sempre causa grande alvoroço. Ele deixou sua marca, sabe? Melissa era uma jovem sábia que curava as pessoas. Ela era crente em Bran e devota ao seu Deus. Porém, passou a questioná-lo após ser usada como moeda de barganha pelo pai. Apesar de sua incredulidade, no seu pior momento, Bran apareceu e a salvou.

Respirou fundo, e então, prosseguiu.

— Dizem que era feia. Eu não cheguei a conhecê-la, mas falam que

nenhum homem olharia duas vezes para ela. Porém, Bran não só a olhou como amou-a, protegeu-a.

Lana não conseguia esconder as lágrimas nos olhos.

— Então, mestre... Se Bran nascesse, como acha que seria seu pai? — indagou.

— Nascer? Ora... Isso é...

— Sim, sim — interrompeu. — Apenas uma suposição. Se eu buscasse por um marido como o Deus Bran, como acha que eu devia escolher esse homem?

O interesse dela pareceu mais claro para Aedh, e ele sorriu, compreensivo.

— Um homem bom, que vê mais que a aparência. Um homem justo, decente, honrado. Um homem de temperamento calmo, mas que sabe ser guerreiro quando a guerra chegar.

Lana sorriu.

Aquele homem estava naquelas terras. Ela só precisava encontrá-lo.



Uma longa mesa foi montada próxima da fogueira onde os Vagantes dançavam. Nela, encontrava-se muitos alimentos, a maioria cereais e queijos, e

vários potes de hidromel para aquecer ao povo festivo.

Lana pegou um pequeno recipiente de madeira e começou a se servir. Um pão, uma concha de caldo de vegetais, e uma espiga de milho eram o suficiente para satisfazê-la. Subitamente, sentiu uma presença ao seu lado.

Era um homem muito bonito, de sorriso fácil e olhar amoroso.

— Não pude tirar meus olhos de você — ele murmurou, fazendo-a rir.

Não que ela costumasse sorrir para um desconhecido. Mas, tinha a determinação de cumprir a vontade de Masha latejando em suas entranhas. Então, estava aberta a sedução, de onde quer que ela viesse.

— Sou Mael — ele murmurou. — E você é Lana, não?

— Já sabe meu nome?

— Atrevi-me a perguntar ao seu povo.

Começaram a caminhar. Cada passo do homem de bonita aparência era vividamente seguido por Lana.

Seria ele? E se o fosse, como ela o faria desposá-la e engravidá-la o mais rápido que pudesse?

— Vieram de Masha, não é? — ele perguntou, buscando assunto.

Sentaram-se em bancos improvisados próximos da fogueira.

— Trabalhamos nas plantações de lá — ela explicou.

— Estive por lá há alguns meses — ele contou. Aquilo acendeu uma chama na alma feminina. Coincidências sempre a cativavam. — É uma terra adorável, apesar do calor insuportável.

— Nosso povo costuma dizer que somos capazes de nos acostumar a qualquer coisa, qualquer clima.

— Acredito. Masha e Bran são lugares completamente opostos.

Ele desviou o olhar em direção à fogueira. Lana percebeu que observava as mulheres a bailar. Viu ali a chance que precisava.

Pousou o recipiente ao lado e correu até as outras.

Se Mael olhava para alguém além dela naquela noite, tudo mudou quando a percebeu remexer-se ao som contagiante do tambor. O vestido rodado formava um circulo, enquanto ela girava como uma bruxa envolvida por uma mágica especial.

Logo a música cessou, e ela voltou até ele.

— Céus, como você é bela — o murmuro masculino a agradou.

Quis agradecer, mas uma voz rouca e firme atrás dela interrompeu seus pensamentos.

— O que faz aqui?

Lana volveu-se para trás e seus olhos chocaram-se com um homem enorme, de cabelos longos e olhar endurecido.

Parecia a maldade encarnada. Arrepiou-se.

— Estou proibido de aproveitar as festas? — Mael indagou.

— Sim, se não cumpre seus deveres. Estive no estábulo e você não colocou feno para os cavalos.

Mael pareceu irritado, mas não retrucou. Levantou-se, aproximou-se de

Lana, segurou seus dedos e depositou um beijo gentil na mão.

— Foi um prazer conhecê-la, minha querida.

Ela assentiu, concordando.

Logo, ele se afastou. Ela pensou em se afastar também, mas seus passos foram interrompidos pela mão firme do outro homem segurando seu braço.

— Me solte! — Ordenou.

— Eu me chamo Brian — ele disse, sem parecer ouvi-la.

— Isso não me importa. Solte-me agora.

— Sou o senhor de Castelo Branco — continuou, como se a voz irritada dela não lhe trouxesse qualquer incômodo.

— Estou pouco me fodendo para o que você é. Se não soltar meu braço agora irei arrebentar sua cara!

Um riso brotou nos lábios masculinos.

— Parecia tão doce enquanto dançava. Mas, na verdade é uma cascavel, não?

— E meu bote pode doer muito, acredite — concordou.

Enfim, ele soltou seu braço. Lana preparou-se para se afastar, mas o homem postou-se diante dela.

— Eu quero você — ele avisou.

Aquilo deixou-a sem palavras.

— O quê?

— Será minha. Está decidido.

— A única pessoa que decide sobre meu corpo sou eu mesma, seu imbecil.

— Eu a terei em menos de um mês — comunicou. Subitamente, aproximou-se. Ela sentiu o ar cálido de sua boca, e pensou em canela ao aspirar seu perfume. Seu corpo inteiro arrepiou-se. — Desde que a vi, faz meu sangue ferver.

Ela também sentia o sangue ferver, mas era de raiva.

— Nunca me terá.

— Se é uma guerra, eu vencerei.

— Não é guerra, é decisão. Eu tenho objetivos, e um deles, o mais importante de todos, é me casar com o homem certo.

— Sim, comigo.

— Nem te conheço — riu. — Mas, sei que não é você.

— É mesmo? E por quê?

— Porque o homem que eu quero não se impõe a uma mulher.

— Quando eu te tiver, não irei me impor — ele avisou. — Você irá implorar para que eu te tome.

O tabefe que ela desferiu na face dura de Brian nem sequer fez o rosto dele mexer-se. O olhar afogueou.

— É, vamos brigar muito na cama, também — ele riu.

Só então se afastou, deixando-a bufando para trás.

Capítulo 03

N O I V A D O

Morgana assistiu com certa parcimônia a cena que decorreu do outro lado da clareira onde os Vagantes festejavam seu primeiro dia em Bran.

Mael estava caçando novamente. Era comum e, às vezes, engraçado. Nunca se incomodou com o fato, até porque eles costumavam aproveitar a presa juntos, e não pôde deixar de reparar que a tal Vagante espalhafatosa seria uma caça que ela deleitar-se-ia em ter na cama.

O enlace deles era assim: Mael e ela se amavam. Se respeitavam. Mas, sexo não tinha nada a ver com amor. Ambos eram livres para desfrutarem de outros corpos, contanto que o coração permanecesse leal um ao outro.

Logo Mael se aproximou. A jovem braiana sorriu para o amante.

— Desgraçado... — ele murmurou em sua direção.

Morgana riu, compreendendo imediatamente a quem se dirigia o xingamento.

— Não devia provocar o perverso — destacou. — Sabe bem que ele está louco para matá-lo, e não é de hoje.

— Ele não quer derramar meu sangue porque sabe que somos primos — o outro destacou. — Como é fraco...

— Deve ser a única pessoa em Bran a pensar assim.

— Se eu tivesse o pensamento ultrapassado de Brian, seu conservadorismo, sua postura diante do mundo, seria exatamente assim que eu me veria. E, saber que Brian se considera um idiota é o que me traz mais deleite.

Subitamente, ele fez sinal com a face. Queria que ela o seguisse. Talvez, se amariam no celeiro. Mael gostava do perigo daquela relação.

Ambos eram solteiros. Segundo a religião, deviam se casar antes de deitarem-se juntos. Nenhum deles se importava com os deuses mortos daquela fé ou com as suas obrigações morais.

Morgana achegou-se ao celeiro com a postura de sempre. Percebeu o amante levar o feno aos cavalos, e sorriu diante do estado irritável dele.

— Pelo menos você teve uma folga desse lugar odioso — ela murmurou.

— Sinto falta da terra de Masha — ele concordou. — Aquilo que é lugar para se viver!

No último estagio da doença dos antigos senhores, Mael assumiu a missão de levar a carga de porcos para Masha.

Conhecer aquela terra quente foi deveras satisfatório. As mashianas eram de tamanha beleza que ele ainda suspirava ao pensar nos cabelos escarlates.

— Devia ter ficado lá — ela disse, dando os ombros.

— Não a deixaria para trás.

— Até parece que se preocupou comigo enquanto fodia aquela ruiva... Ah, como era mesmo o nome dela?

— Mah — ele riu. — A virgem, doce e tola Mah. Tão burra, nem

pestanejou quando eu lhe pedi uma “prova” de seu amor.

Morgana gargalhou.

— O que aconteceu com ela?

— Sinceramente, não sei — ele se aproximou da amante e beijou seus lábios. — Depois que eu a fodi, não a procurei mais. Nossa, era muito ruim na cama, sofri pra enfiar naquele buraco apertado. E ela chorou igual uma criança. Sinceramente, virgens me irritam.

As pernas delgadas de Morgana roçaram no homem.

— Ainda bem que não sou — ela riu.

— Ainda bem — ele concordou.

E terminaram a noite juntos.



Lana havia passado toda a manhã ajudando uma ovelha a dar a luz. Era sempre uma mágica, quando uma nova vida surgia.

Ela amava os animais. Bem mais que aos humanos. O que estava dizendo? Ela nem amava aos humanos, sempre arrogantes, falsos, e sem escrúpulos. Mas, não os bichos. Era sentia em cada animal um traço do amor dos deuses a ela.

Acariciou a face da nova mamãe e deixou-a com seu filhote. Afastou-se

secando as mãos no vestido escuro e manchado de sangue.

Desde a noite da festa que recepcionou os Vagantes, há dois dias, ela mal havia visto o moço gentil chamado Mael. E precisava dele, da semente dele, para cumprir o que Masha queria.

Se ele não a visse, como iria se apaixonar e desposá-la? E, havia mais: A Deusa a havia alertado para que tomasse cuidado. Quando aquele homem detestável lhe provocou na festa, entendeu o porquê do aviso divino.

Brian Clark. Mal haviam se falado e ela já sentia ódio só em pensar nele.

Mandão, arrogante, presunçoso!

"*Eu quero você*".

Querer não é poder. Ela também queria muitas coisas, em especial o pai do futuro filho, mas não tinha isso às mãos, tinha? E como ele se atrevia a lhe falar com tanta petulância? Nem Simon, com todo cinismo demonstrado durante os anos chegara a tanto.

Repentinamente, o Vagante surgiu diante dos seus olhos, assustando-a.

— O que quer? — ela quase gritou a pergunta.

Desde que ele havia pedido sua mão a seu pai, alguns anos antes, e recebido uma negativa como resposta, passou a persegui-la, no intento em fazê-la mudar de ideia.

— O Perverso foi até a tenda do seu pai e está lá já tem algumas horas.

— E eu com isso?

— Miranda disse que passou por perto e ouviu que eles falavam de você.

Ela não aguardou para ouvir mais. Correu até a tenda, já antevendo a desgraça.

Masha havia dado uma missão à mulher. E ela estava, desde que colocara os pés naquela terra, tentando cumprir o designado. Contudo, como o faria se o pai fosse louco o suficiente para entregá-la as mãos do detestável Brian Clark.

— Ele me pediu em casamento?

A indagação veio tão logo ela entrou. Porque, de alguma maneira, desde que se viram, ela soube que era isso que o outro faria.

— E eu aceitei.

Aquilo a magoou. O pai jamais havia feito tal coisa.

— Sem sequer ouvir a minha opinião?

— Eu já ouvi a sua opinião, Lana. Ouvi quando desprezou Simon. E aceitei. Concordei com você. Lembra-se do que me disse? Queria um marido para ser seu companheiro, não seu capacho.

— Permita-me escolher um esposo por mim mesma.

— Mas, você o escolheu. Brian Clark não será um servo. Será um homem que irá se impor a você quando estiver errada, mas que, acredito, a ouvirá quando estiver certa. Sei que não percebe, mas são perfeitos um para o outro.

Perfeitos um para o outro?

— Eu me mato! — ela gritou, numa ameaça franca.

— E desde quando suicídio faz parte da vida de uma Vagante?

— Não vou me casar com aquele desprezível.

— Ele é um homem de posses, de família importante e de bonita aparência. Não encontrará melhor.

Aquilo pouco a interessava. Brian era o oposto do que ela precisava. Bran era doce, justo e gentil. Ela buscava por essas características para o pai dele.

— Eu farei da vida dele um inferno — declarou, numa cartada final.

— Ele sabe — Elbio riu. — E ele está ansioso pelo desafio.



— Filho da puta!

O grito feminino ecoou pela floresta, fazendo-a gemer em agonia. Atrás dela surgiu a figura de Simon, que estava tão agoniado quanto à mulher.

— Diga a seu pai que repensou meu pedido...

Entre o demônio conhecido e o desconhecido, ela ainda preferia o tal Clark. Francamente, Simon era desprezível demais para ela suportá-lo. Além disso, Brian poderia ser domado se ela tivesse a chance.

Havia ervas. Ervas que deixavam os homens sonolentos ou impotentes. Talvez ele nem colocasse as mãos nela, enquanto ela buscava pelo pai perfeito de Bran.

— Não quero apavorá-la... — Simon começou, seu tom contradizia sua

frase.

— Mais?

— Ouvi boatos de que o homem tem mulher e filho. Ambos ilegítimos, escondidos na floresta.

Mas era só o que faltava!

Sentia o sangue cada vez mais em ebulição, mas tentou respirar e manter a calma. Os deuses estavam a olhar por ela. Daria um jeito no tal Brian, ele sequer a tocaria. E, conseguiria o pai de Bran, fosse ele o tal Mael ou qualquer outro que estivesse à altura.

Capítulo 04

C A S A M E N T O

Os dedos femininos tamborilavam no parapeito de uma das sacadas do Castelo Branco.

Estava nervosa. As mãos tremiam, a ansiedade a enervava como nunca.

Desde que o pai a havia colocado em tamanho problema, ela fizera de tudo para sair da confusão. Foi em vão. Nada conseguira livrá-la do casamento que ocorreria dentro de algumas horas.

Ali, agora, ela observava os convidados chegando para a cerimônia. Muitos coches com diversos brasões traziam um povo que parecia ansioso para comemorar aquele novo enlace.

Mas, Lana só tinha um foco.

— Masha... Masha... Minha Deusa, ajude-me... — ela murmurou.

Como se sua voz atingisse algo divino, surgiu na parte frontal do Castelo uma ruiva de cabelos escarlates e cacheados, como a deusa.

Parecia um sinal. E ela encarou como isso. Lá embaixo, a mulher estendeu a mão para um rapaz negro e sorriu. Era velha, alguns fios brancos adornando sua cabeça como uma coroa, mas ainda mantinha uma beleza surreal.

— Parece fraca... — Lana disse, contudo, diante da maneira frágil com

que a mulher se segurava no jovem.

— Elisabeth Clark é uma das mulheres mais fortes que já pisaram aqui — uma voz à direita a fez voltar-se.

Era uma mulher de cabelos negros e olhar gentil. Imediatamente, sorriu para ela.

— Eu sou Edna — ela murmurou, estendendo a mão, numa apresentação pueril. — Prazer em conhecê-la.

Houve simpatia momentânea.

— Lana — aceitou o cumprimento.

— Eu sei. É linda. Brian escolheu bem.

Com certeza a tal Edna não diria isso se lesse os pensamentos e planos de Lana.

— A velha se chama Elisabeth?

— Todos a chamam por Lis. É muito bondosa.

A bondade não admirava Lana.

— Disse que ela era forte.

— Oh, é a mãe do Rei Ruivo — apontou. — Ao lado dela está o filho adotivo, Liam. O marido é aquele homem grande, parecido com Brian. Essa mulher enfrentou muitas coisas e saiu de todas elas com a dignidade intacta. É uma pessoa admirável.

— Todos parentes do Clark, portanto — as palavras não a comoveram.

— Agora fará parte da família.

— Não é esse meu desejo.

Edna suspirou.

— Brian pode ser assustador, mas é um bom homem.

— Aquele ogro? — Lana riu. — O chamam de Perverso.

— Não o conhecem o suficiente.

— Ele não cresceu por aqui? — estava incrédula.

— Ele teve que tomar algumas atitudes em prol das pessoas que amava.

Aquela defesa apaixonada fez Lana arquear as sobrancelhas.

— Como assim?

— Apenas, lhe dê a chance de se explicar antes de chegar a qualquer conclusão precipitada.

— Explicar o quê?

Um barulho vindo de uma das portas fez ambas as mulheres voltarem-se para lá. Mael surgiu, fazendo Edna recuar instantaneamente.

— Ora, ora... Não pensava que a encontraria por aqui — ele aproximou-se da outra.

Lana sentiu o pavor. Era naturalmente instintiva, e subitamente postou-se à frente, protetora.

— Bom dia — ela cumprimentou o homem.

Aquela interrupção deu tempo de Edna desaparecer do lugar.

— Está pronta para ser a nova senhora de Castelo Branco?

— Eu preferia ser senhora de um casebre se pudesse me casar com o homem que escolhi.

O outro curvou-se diante dela, segurando seus dedos e beijando-os.

Era um gracejo respeitoso, mas a reação de Edna diante dele causou imediato asco em Lana. Havia alguma coisa ali. O quê?... Ela ainda não sabia.

— Eu sinto muito que tenha que passar por isso no dia do seu casamento. — O comentário dele a arrepiou.

— Do que fala?

— Da amante do seu futuro marido. Edna veio assistir a cerimônia. Espero que ela não a tenha afrontado.

Lana ficou imediatamente espantada.

— Não... Ela não...

Estava pasma. Mael sorriu diante disso e a guiou até as amas que a arrumariam para a cerimônia. Depois, a deixou, afligida em seus próprios pensamentos.

"*Se não é teu propósito, me dê uma escapatória, Masha...*" ela rezou, enquanto a vestiam com um bonito vestido de noiva.

A Deusa Ruiva não respondeu.



Lana sentiu o corte das mãos, e gemeu baixinho. O sangue quente escorreu pelos dedos, e logo ela sentiu a mão quente de Brian segurando a dela.

Estava feito. Era agora sangue dele. Era parte dele. Que ele fosse pro inferno porque ela não pouparia esforços para atacá-lo.

E Bran...? Seu amado filho que devia nascer de um homem bom e gentil. Será que os deuses não se preocupavam com a mácula do Perverso?

Ao longe, percebeu Edna sorrindo para Brian. Como diabos uma mulher se submetia àquilo? Se fosse ela, invadiria a cerimônia e quebraria a cara dele!

Isso, claro, se o amasse. Porque tudo que ela queria no momento é que ele fosse para o diabo com a sua amante, seu feudo e suas necessidades.

Pensou na bolsinha de ervas. Antes de irem para o quarto, o faria beber um chá. Aquilo iria deixá-lo impotente e ela se livraria dele, ao menos na primeira noite. Depois, pensaria em outras soluções.

Quando o sacerdote os uniu definitivamente, as pessoas aplaudiram como se algo naquela merda fosse digna de aplausos.

E então vieram os cumprimentos. Lana nem se esforçou em sorrir. Ao contrário de Brian, ela não fingiria.

— Eu disse que seria minha — ele murmurou em seus ouvidos, momentos

depois. — Eu sempre tenho o que eu quero.

— Sinto muito por você — ela retrucou, fazendo com que ele arqueasse as sobrancelhas. — Não podia ter escolhido esposa pior.



Quando a noite chegou e o casal de noivos adentrou o quarto, Brian enfim deixou todo o seu autocontrole de lado.

Ele parecia um esfomeado. A encarava com tanto ardor que ela temeu o homem imediatamente.

— Eu fiz um chá para você — disse, gentil.

A gargalhada dele inundou o quarto.

— Você acha mesmo que eu não sei que tentaria usar suas poções de bruxa em mim?

Filho da...

— Não sei do que fala, meu marido.

— Você é uma Vagante. Tem o temperamento de uma cascavel. Fala como homem, anda como homem, não tem nenhum traço de doçura e aceitou entrar no quarto sem arranhar a cara do seu pai, que a trouxe. Considera-me tão tolo ao ponto de não pensar que estaria armando algo?

É. Definitivamente Brian Clark não era um idiota.

— Vou ser franca com você — ela deixou a xícara de lado. — Eu preciso cumprir a vontade da Deusa Masha.

— Sério? — ele riu.

— Eu tenho um papel a desempenhar, e ele não envolve ser sua mulher.

— Tarde demais.

— Não vou me deitar com você.

Subitamente, ele avançou. A primeira reação de Lana foi correr. Ela pulou por cima da cama, e ficou diante da janela.

Pareciam gato e rato. E o gato tinha os olhos sedentos de desejo.

— Eu me casei com você, é meu direito.

— Vai me tomar a força?

— Eu não preciso disso. Só preciso tocá-la. Quando você aceitar minhas carícias, vai entender que sou o homem certo.

Não importava a Lana que ele fosse o homem certo para ela. O pai de Bran devia ser o homem certo PARA BRAN. E aquele ogro ameaçador jamais seria o homem certo para seu pequeno Deus que iria vir a terra através de suas entranhas.

Brian avançou novamente. Novamente ela correu. Era rápida e conseguiu colocar uma pequena mesa entre eles.

— Isso é ridículo! — Brian começava a se irritar.

— Eu não vou dormir com você! — ela afirmou, e parecia convicta disso.

Subitamente, ele conseguiu segurá-la nos braços.

A primeira reação de Lana foi surpresa. Nunca pensou que ele fosse rápido, pois era extremamente grande e alto. Depois, ficou raivosa. Tentou estapeá-lo, mas foi atirada na cama.

Caiu de costas e sentiu o macio do colchão.

E agora?

Percebeu o homem arrancando o casaco, a camisa, a calça.

Diante dela, ele nem parecia se envergonhar de sua nudez. Seus olhos femininos fixaram-se no baixo ventre e naquele negócio enorme e comprido que ele mantinha ereto, lá.

Lembrou-se dos cavalos, quando estavam no cio, e ficou em pânico. Tentou se erguer, mas Brian já estava sobre ela, tocando-a com os lábios, beijando-a com ardor.

Fechou os olhos, tentou lutar. Subitamente, porém, ouviu a voz dele, doce pela primeira vez:

— Eu só quero ser um bom marido... — O murmuro era cúmplice e gentil. — Um bom marido para você.

Havia verdade naquelas palavras. Ela reconhecia por causa do seu sangue Vagante, sua capacidade de ler as intenções.

E, então, decidiu parar de lutar. Se estava ali, talvez fosse exatamente pela vontade de Masha.

Quando Brian sentiu que ela aliviou o corpo, deslizou os lábios pela pele

alva da mulher, sentindo seu gosto, aspirando seu perfume que o enlouqueceu desde a primeira vez que a viu.

Ergueu as saias. O ninho de cachos negros surgiu, como se o aguardando.

E era assim, agora ela seria dele.

Guiou-se até ela, deslizando pelo seu centro quente, quando a sentiu-se retesar novamente.

— Seu desgraçado! — O berro dela foi seguido pela investida e o empurrão. — Que negócio é esse? Você me machucou! — Se levantou, erguendo as saias até as coxas e viu o sangue escorrer pelas pernas.

O olhar verde esmeralda da mulher volveu a ele.

— Eu confiei em você, e você me enfiou uma faca? — ela balbuciou, repetindo a ideia, e pela primeira vez na vida Brian Clark sentiu medo de alguém. — Vai me pagar, seu maldito... Vai me pagar caro por isso!

Capítulo 05

O DIA SEGUINTE

— Estou tentando entender o que é esse olho roxo — Edna murmurou, enquanto erguia um pedaço de algodão com gelo até o olho esquerdo do senhor do Castelo Branco.

— A mulher é o demônio encarnado.

— É sua manhã de núpcias, devia chegar sorridente e me contando boas novas.

— Ela parecia o mal em pessoa. Pulou contra mim e não consegui segurar suas mãos. Fiquei sem saber o que fazer. Reagir e bater nela, ou apenas aceitar seus chutes e socos.

— Pelo jeito, escolheu a segunda opção.

— Porque acho que ela tem razão em ter raiva — Brian se defendeu. — Eu a machuquei.

— Do que fala?

— Ela sangrou.

— Então era virgem.

— Eu não entendo nada disso além do que me disse, mas acho que sangrou demais.

— Você a preparou?

— Preparar?

— Eu te expliquei! — Edna parecia irritada. — As carícias!

— Bom, eu a beijei...

Edna parecia disposta a falar algo além quando Ewen surgiu à porta e correu até o homem. Ele o segurou nos braços com o carinho de sempre.

— Como vai o meu garoto? — indagou.

— Estou terminando de ler o livro que me deu — ele contou. — Sobre a rainha Esmeralda.

Brian o havia ensinado a ler há pouco mais de um ano.

— E qual personagem gostou mais?

— Randu! — sequer pestanejou. — Eu queria ser sábio como ele.

— Seja um bom homem e a bondade o guiará — murmurou.

— O senhor é um bom homem? — o menino indagou.

Brian encarou Edna, que pareceu em conflito.

— Eu não posso ser, meu querido — murmurou. — Eu não posso ser.



Lana percebeu a chegada de Mael à mesa. Ele a encarou com um sorriso simpático, que logo converteu-se em preocupação.

— Sinto muito — murmurou.

— Sente pelo quê?

Desde que vira Mael observar Edna, ela não mais pensava nele como o genitor de Bran. Não que as mulheres sempre estavam certas – bem sabia que muitas eram cobras criadas – mas, em Edna, reconheceu bondade.

— Seu marido foi atrás da amante na manhã de núpcias.

Como se ela se importasse com aquilo!

Estendeu a mão e pegou um pedaço de pão. A parte baixa ainda doía, e o ardor a deixava ainda mais irritada que de costume.

— O que você quer?

— Oferecer minha amizade.

“*Pega ela e enfia no cu*”.

As palavras não saíram. Amuada, só queria ficar em seu canto.

— Conheço uma jovem braiana, chama-se Morgana — ele apontou. —

Procura trabalho e sei que pode lhe ser útil nesses primeiros dias de casamento.

— Útil como?

— Uma dama de companhia.

Lana assentiu, em muito porque queria que ele sumisse de suas vistas, em muito porque talvez outra mulher dentro da casa a ajudaria com a personalidade de Brian.

— Diga a ela para vir até mim — murmurou.

O homem curvou-se e se afastou.



Brian voltou para casa no cair da noite.

Verdadeiramente, ele não sabia o que o aguardava ao abrir a porta do quarto e dar de cara com Lana.

Envergonhava-se pela noite anterior, mas sabia – o próprio pai da mulher lhe avisara – que se abaixasse a guarda para ela, Lana sapatearia em cima de sua honra e dignidade.

— Onde esteve? — ela inquiriu.

O que ele devia responder? Ela era sua esposa, mas até então não parecia disposta a ter uma vida ao seu lado. Por que então se importava por onde ele

andava?

— Por que me obrigou a esse casamento se já tem mulher e filho? — a voz feminina atirou, de supetão, a indagação.

— Mulher e filho?

— Eu já sei sobre Edna.

— E sabe o quê? — ele murmurou.

O que haviam dito a ela? O quão longe haviam chegado a falar sobre Edna?

— Sei o suficiente.

— Não sabe de nada...

— Ela deve ser uma puta se aceita ter um filho de um homem que nem sequer é seu marido, e ainda vai ao casamento do covarde...

Brian ergueu a mão para esbofeteá-la. O chamavam de Perverso, mas ele nunca antes havia batido em uma mulher. Baixou a mão, sentindo-a formigar.

— Peça desculpas — exigiu.

— Para você ou para a sua amante?

— Edna não é quem você pensa que é — afastou-se dela, tirando o casaco e o jogando sobre uma cadeira.

Então volveu novamente em sua direção.

Pelos céus, como era linda!

Os longos cabelos negros chegavam à cintura, cascateando como se num

mar escuro. Os olhos verdes contrastavam com a pele alva. E era tão segura de si. Mesmo com o que ocorrera na noite anterior, não demonstrava o menor sinal de medo.

— Edna sofreu muito... Peça desculpas — repetiu.

— Me dê um motivo.

Houve um breve silêncio. Então, enfim, tudo pareceu se esclarecer.

— Ela é minha irmã.

Capítulo 06

E D N A

O filho de Andrew Clark, Estevão, não era um homem muito fiel aos laços matrimoniais. Não que aquilo importasse a sua esposa, Helieta.

Havia sido um casamento arranjado. Um acordo entre grandes famílias do norte. Helieta gostaria de ir para os templos, servir a Bran. O pai achou melhor que ela fosse uma esposa, e a entregou a Estevão em uma cerimônia carregada por nada além de tristeza e apatia.

A jovem e bela Helieta perdeu tudo quando mudou-se para Castelo Branco. Seu lar, sua família e o contato com a única dona de seu coração: uma irmã bastarda que lhe entregou o filho Mael nos braços quando a viu partir.

Helieta poderia ter amado Brian. Mas, seu sentimento foi apenas ao sobrinho. O marido? Ela também desprezava. E Estevão não se esforçava em tentar conseguir suas emoções ou atenções. Para ele estava bem ter uma esposa – por mais fria que fosse – e um filho varão que levaria seu legado.

Teve muitas amantes, e uma delas engravidou e deu a luz a Edna, uma jovem bastarda que Estevão nunca reconheceu.

Edna cresceu desprezada pela mãe, pelo pai, por todos. A lei que punia bastardos já não existia há muito tempo, mas ninguém tirava do coração das pessoas a antipatia pelos filhos da desonra.

Contudo, da mesma maneira que a vida dá dor, também traz alegrias. E foi

quando conheceu Brian que Edna soube que teria todo o amor que até então lhe fora renegado.

Foi Brian que a ajudou a erguer uma casa no interior do feudo e foi ele que espalhou boatos de que mataria qualquer homem que se aproximasse dela.

Sua alcunha de Perverso foi lhe dada nessa época. Ele teve que demonstrar com os punhos o quanto falava sério.

Aquilo muito a ajudou. Até Mael...

Porque Mael gostava de provocar Brian. E não havia melhor forma de fazer isso do que manchando a honra e a dignidade da amada irmã do futuro senhor de Castelo Branco.

Ele apareceu numa noite. Arrebentou a porta e a estuprou. Quando Brian a encontrou no dia seguinte, prometeu matar o primo. Porém, Helieta defendeu Mael e ele acabou por ver a justiça não se cumprir.

Depois, o tempo passou. Ewen nasceu daquele ato covarde, e ele amava o menino. Assumiu-o, mesmo que não fosse seu. Edna pediu-o que esquecesse a vingança, porque ela queria paz.

E ele aceitou...

Nada, até então, fora tão difícil e doloroso para Brian Clark do que não matar Mael.

Eis uma das grandes incógnitas da vida: A lei, a religião, a moral, diz que assassinato é crime. Quem vive sobre o jugo da tranquilidade concorda com isso sem pestanejar. Mas, e quando você sente a necessidade de matar? Como afogar os sentimentos do ódio e da vingança ao ver sofrer alguém que você ama?

— Eu sinto muito — Lana murmurou, diante da história.

Ele não desabafou com ela porque queria ver a culpa em seus olhos bonitos.

Apenas, precisava falar.

E mais, ela não sabia. Não quisera ofender Edna, porque simplesmente não sabia. Contudo, para Lana, mesmo que não fosse exatamente a questão, não era seu direito. Ninguém vira puta por desejo próprio. Mah, a futura mãe de Masha, era o melhor exemplo disso.

— Está tudo bem — ele murmurou.

Dormiram na mesma cama naquela noite. Claro, não se tocaram. Não tinham, ainda, intimidade para isso. Brian reconheceu seu erro anterior, reconheceu que agira como Mael, ao tentar Lana, e ela percebeu que o havia julgado mal.

Talvez a vida se encaixasse com o tempo.



Lana encontrou a pequena choupana de forma rápida e fácil. Afinal de contas, ela era uma Vagante. Sentir a natureza, os caminhos e trilhas que a mãe terra indicava era um dom que ela ostentava com orgulho.

De uma pequena chaminé ao longe, a fumaça exalava quase até o céu. Defronte ao lugar, havia um pequeno jardim e a neve parecia varrida, denotando higiene e cuidado.

A porta abriu e o rosto simpático da outra chegou a ela.

Era bonita. Mas, havia algo nela que ia além da aparência. Era uma paz e uma calma no olhar que comoviam Lana.

— Eu soube que somos cunhadas. — A Vagante declarou, tranquilizando a outra imediatamente.

Um menininho surgiu às pernas da mulher e observou Lana com interesse.

— Esse é Ewen — ela apresentou. — Ele é seu sobrinho.



Uma Vagante nunca tinha muitos pertences devido a sua vida errante. Mas, Lana ainda possuía um pequeno boneco que a mãe fizera quando era criança. Era uma lembrança muito querida da mãe, e ela considerou que poderia ter a mesma importância para Ewen.

O menino sentou-se no chão da cozinha e passou a brincar com o novo brinquedo em seu mundo imaginário. Era muito fofo, com seus cabelos negros e lisos, a franja a cair sobre os olhos, e suas bochechas rosadas.

— O chá — Edna lhe estendeu uma xícara.

— Você é muito corajosa — Lana apontou. — Teve seu menino mesmo diante de tudo... Como conseguiu?

— Você tiraria? — ela devolveu, de supetão. — Sei que não ama meu irmão... — pigarreou, e se corrigiu. — Sei que “ainda” não o ama — destacou. — Mas, mesmo assim, se engravidasse, tiraria?

— Nunca — disse, sem pestanejar. — Mas, Brian é meu marido apesar de eu detestá-lo. E Mael...

— Eu o odeio — ela destacou. — Odeio Mael. Mas, Ewen não tem nada a ver com isso. Ewen é um presente dos deuses para mim. Você sabe, quando percebi que teria uma criança pensei na Rainha Brione e pensei no que seria o mundo se ela tivesse tirado Esmeralda. E se meu filho veio para um propósito? Como eu poderia interferir no destino dessa forma?

Lana a admirou tremendamente diante das palavras.

— Brian me deu muito apoio. Ele é o melhor irmão que alguém poderia ter.

Edna nem tentava disfarçar a intenção de elogiar Brian. Seu interesse em causar uma boa impressão em Lana era vívido.

— Ainda não conheço esse Brian — Lana devolveu. – O homem que protegeu a irmã e o sobrinho — explicou. — Apenas, o homem que se impôs a mim, me obrigou a um casamento que eu não queria, e me tomou a força na noite de núpcias.

Edna assentiu.

— Tenho um pouco de culpa nisso.

— Como assim?

— Ele veio a mim atrás de conselhos. Bom, eu não tenho muita experiência, mas já sou mãe e Brian não tem outros amigos.

— Ele nunca teve outras mulheres? — ela ficou impressionada.

— Deve ser uma marca dos Clark — Edna riu. — Dos antigos Clark, do meu avô Andrew. Ele também se casou virgem.

Não deixava de ser surpreendente. Era inegável o quanto Brian era bonito.

— Eu disse a ele o pouco que sabia, e acho que ele não entendeu direito.

Lana ruborizou. Ela também não sabia muito o que acontecia.

— Quando minha mãe morreu, eu sequer havia sangrado — contou. — Também não tenho muito conhecimento... Apenas sei que ele me machucou.

Edna estendeu a mão e segurou seus dedos.

— Tenho até medo de ir fazer xixi agora — assumiu. — Por causa do negócio que ele enfiou em mim.

A outra não resistiu e riu.

— Mas, você sabe... Brian se colocou no outro buraco...

— Que outro buraco?

Edna não pareceu surpresa pela questão.

— Eu também não sabia que tínhamos dois buracos — cochichou. — Descobri quando dei a luz. Temos um que sai o xixi e o outro que... você sabe... entra o homem e sai o bebê.



— Uma jovem chamada Morgana a aguarda na antessala. — Uma das servas surgiu diante dela quando a mulher entrou em Castelo Branco.

— Peça que continue a aguardar.

Lana não deu mais prosa. Correu andar acima, e entrou no quarto, arrastando móveis e caçando a única coisa que lhe importava no momento.

Enfim, o encontrou. Um pequeno espelho que ela usava para ajeitar os cabelos e arrumar os brincos.

Volveu a porta e passou a tranca. Depois, sozinha e segura, ergueu as saias, levando o espelho até a parte de baixo.

E não é que Edna tinha razão? Lá estava os dois buracos!

O primeiro, menor, devia ser onde saia o xixi. Mas... maldito seja Brian Clark, ele a abriu inteira. O outro buraco era bem maior!

— Olha só o tamanho desse negócio! — ralhou.

Mais uma dívida daquele desgraçado para com ela.

Baixou as saias e sentou-se na cama, arrasada. O tempo estava passando, ela nem era mais pura, não conseguira cumprir a vontade de Masha, e ainda tinha um buraco no meio das pernas.

A vida parecia não estar nem um pouco a sorrir para Lana.

Capítulo 07

M O R G A N A

O lago congelado que cortava as montanhas em volta de Castelo Branco pareceu, subitamente, sombrio.

Estranhamente, Morgana não sentiu frio apesar de o gelo estar em todo o lugar. Havia em sua mente a certeza de que as coisas ali não estavam como deveriam nos seus dias normais.

— Estou sonhando?

Ela indagou o óbvio. A própria luz do dia parecia amarelada, diferente.

— Às vezes os sonhos são importantes meios de comunicação para destinados.

Morgana voltou-se em direção a voz. Diante dela, um homem velho e negro vestia roupas sacerdotais.

— Quem é você?

— Isso não é importante — ele respondeu. — Não temos muito tempo, logo você vai acordar.

Ela assentiu, respeitosa.

— O que quer comigo?

— Você precisa impedir que Lana Clark engravide. Caso isso ocorra, precisa parar de tomar os chás e também pegar barriga.

— O que quer dizer?

— Apenas cumpra o seu papel. Sem perguntas. Apenas faça o que for preciso, mesmo que isso custe a sua vida.

Morgana assentiu.

— Você é Cashel? — ela insistiu. Precisava saber.

— Meu nome é Vougan.

Naquele instante, Morgana acordou.



— Tentei me aproximar, mas ela mal olhou para minha cara. Acho que Brian lhe contou o que aconteceu com Edna.

— Você realmente pensou que a enganaria com a história de amante para sempre, não é Mael?

O homem encarou Morgana como se a visse pela primeira vez.

— De que lado você está?

— Do seu. Sempre do seu — respondeu, rapidamente. — O que quer que

eu faça?

— Impeça-o de ser feliz! — a resposta parecia óbvia. — Quero que conquiste a amizade de Lana e a jogue contra o marido. Depois, parta para cima de Brian. Destrua o casamento deles. Não os permita terem paz.



Apesar de ter sido uma indicação de Mael, Lana agiu com respeito ao se postar diante da moça bonita que buscava trabalho.

— É amiga de Mael? — quis saber.

— Somos conhecidos — Morgana desconversou. — Ele comentou no feudo que a nova Senhora não tem uma ama particular.

— Porque não preciso.

— Mas, quem limparia seus penicos ou ajeitaria seus vestidos?

— Eu mesma faço isso — Lana deu os ombros. — Sou uma Vagante.

O olhar de Morgana brilhou.

— Dizem que as Vagantes podem enfeitiçar os homens que quiserem.

— Bobagem — a outra riu. — Se eu tivesse tal poder, não teria me casado com Brian.

Morgana percebeu que Lana não se envergonhava em dizer o quanto repudiava aquele casamento.

— Vai ser bom ter uma amiga — a morena murmurou, e então a braiana do norte soube que o trabalho era seu.



— Você sai demais.

A frase fez Brian estancar diante da porta. No quarto, apenas as velas iluminavam a mulher que estava vestida com uma bonita camisola branca.

— Ser um senhor feudal não é tarefa muito fácil.

— Nos feudos que passamos, a maior parte do trabalho era feita pelos administradores.

Brian nunca deixaria o feudo nas mãos de Mael, mas não queria dizer isso a esposa.

— Sente minha falta?

A questão era franca. Porque, definitivamente, ele sentia a dela. Como seria importante que ambos pudessem se respeitar e se amar. Ele só precisava de uma chance, uma brecha na armadura de Lana. Ele a quis no instante que a viu, mas desde que a tomou por esposa, jamais estivera tão longe da mulher.

— Eu fiz um chá para você — ela desconversou, estendendo a ele uma xícara.

— Está envenenado?

— Não, mas devia. O que você fez não tem perdão.

Brian aproximou-se, puxou um banco e sentou-se diante dela.

— Eu fui ignorante. Eu ainda não conheço a arte do amor...

— Você abriu um buraco enorme em mim — ela apontou, sem qualquer receio ou vergonha. — Eu devia enfiar um pedaço de madeira em você e fazê-lo pagar na mesma moeda.

Silêncio.

— Ah, quer saber? Deixe para lá — ela deu os ombros. — Não me incomoda o que fez, e sim o fato de que estou longe de cumprir meu papel.

— Que papel?

— Já te disse, fiz uma promessa a Masha.

— Que promessa?

— Algo que não te envolve — retrucou. — Eu não devia estar aqui, casada com você...

— Sou tão ruim assim? — sorveu um gole do chá quente e gostou do sabor.

— Sabe como te chamam? De Perverso!

— E de que outra maneira eu poderia proteger minha irmã?

Lana ficou em silêncio diante da questão.

— Eu precisava do melhor homem do mundo — murmurou. — O mais leal, mais doce, mais gentil, mais bondoso...

Brian não resistiu e riu.

— Sabe que nunca encontrará esse homem, não é?

E se ele estivesse certo? E se sua busca fosse infundada.

— Lana?

A voz rouca fê-la encará-lo.

— Posso beijá-la?

Era uma pergunta, mas ele não aguardou a resposta. Aproximou o rosto e tomou seus lábios, num beijo gentil e delicado.

E era bom...

Assim... Não aquele ataque de dentes que pareciam querer mordê-la até sangrar, mas o roçar das bocas enquanto os dedos masculinos deslizavam pelo seu rosto e agarravam levemente suas madeixas negras.

— Se é um bom homem que você procura — ele murmurou contra seus lábios. — Dei-me a chance de tentar ser um para você.

Capítulo 08

A DESCOBERTA

Mael a viu descendo as escadas de forma resoluta.

Tudo naquela mulher era firme. Se não tivesse cabelos negros, seria uma mashiana incrível. Os olhos ferviam, o temperamento era incontrolável, e ela não fingia – jamais – os sentimentos que a dominavam.

Era uma fortaleza. No fundo, a admirou. Transparente, sentiu que Lana parecia mais tranquila que nos dias anteriores e resolveu se aproximar.

— Bom dia, minha senhora.

O olhar dela enuviou. Aquilo não era bom.

— O que quer?

O tom era grosseiro. Mael entendeu imediatamente que ela queria cortar qualquer traço de simpatia entre eles.

— Não sei o que lhe disseram...

Foi interrompido pela aproximação rápida da mulher e uma ponta afiada pressionando sua barriga.

— Sabe o que meu povo faz com estupradores? Nós cortamos seus paus e depois os fazemos comê-los.

— Não sei o que lhe disseram...

— Eu já sei sobre Edna. Você não vale nada. Fique longe de mim.

Então, ela o largou. A pequena faca voltou ao seu lugar de origem – abaixo da manga do vestido – e a mulher tentou se afastar.

— Brian mente — ele insistiu. — E com certeza está usando Edna para encobrir seus planos.

O corpo de Lana volveu para ele.

— Como se atreve? Eu falei com ela...

— Edna faria tudo para proteger o amante.

Houve um breve silêncio. No íntimo, Mael acreditou que a havia convencido. Porém, quando ela voltou a se aproximar, ele sentiu que seus planos fracassaram:

— Entre a sua palavra e a de meu marido, vou acreditar nele — avisou. — Brian é um grosseiro sem modos, mas ele está se esforçando para ser bom para mim. Além disso, eu vi o olhar de Edna quando citou seu nome. Aquele ódio não era mentira. É uma pena que os deuses proíbem assassinato. Adoraria vê-la vingar-se de você.



O cheiro dos pães assando era de uma familiaridade incrível. Lana não podia evitar em pensar na mãe.

Na época que a peste a ceifou, a Vagante de cabelos esvoaçantes já não mais fazia seus pães assados na pedra para a pequena filha de temperamento difícil. Mas, Lana sempre buscava pelo alimento em tendas vizinhas e levava para a genitora, a fim de vê-la comer.

A peste havia roubado o apetite da mãe. Com o passar dos dias, ela emagreceu muito. Lana a viu definhar e aquilo foi de uma dor insuportável. Não fosse pelo amor do pai, talvez não sobrevivesse a agonia.

Mas, sobreviveu.

Levou a mão ao ventre, futura casa de Bran. Céus, mal podia esperar para tê-lo. Já o amava. Amava a simples menção dele. Apesar dos cabelos negros, sempre foi apaixonada por Masha, contudo, desde que soube que Bran a havia escolhido, ela não conseguia desviar os pensamentos.

Ao longe, Edna lhe abanou, pedindo para que se aproximasse. Riu, pensando no que a outra estava pensando em vê-la completamente travada diante de sua casa. Ao adentrar o lugar, percebeu Brian sentado no chão, brincando com Ewen.

Foi automático. Vê-lo ali, falando doce com o menino de cabelos negros, sua postura completamente oposta a que demonstrava em público, levou-a a uma comoção inconveniente.

E se tudo que procurava estivesse ao alcance de suas mãos?

— Fiz chá — Edna a convidou a sentar-se.

Ao percebê-la, Brian lhe sorriu. Era como se ela o visse pela primeira vez sobre nova ótica.

O homem se levantou e sentou-se ao seu lado. Enquanto Edna os servia,

ela relembrou a noite anterior. Após beijá-la, ele deitou-se na cama afastado dela.

Desde a péssima primeira noite, não mais a tocava. Parecia saber que ultrapassara um limite e agora tentava consertar aquele estrago.

E subitamente ela deu-se conta de que queria uma nova chance com ele.



— Diga-me, marido — ela indagou. Andavam lado a lado pelas trilhas que levavam até Castelo Branco. Ele volveu o olhar para ela, curioso. — O quanto você é crente?

— Crente?

— Sua fé nos deuses — esclareceu. — O quanto é forte?

— Forte o suficiente para eu saber que assassinato é crime indesculpável aos deuses e que por isso eu não devo matar Mael.

Era uma prova incrível de fé.

— O que pensa sobre Bran?

— Quantas perguntas estranhas, esposa — ele riu. — O que você pensa?

— Perguntei primeiro.

— Então responda primeiro.

Ela sorriu. Brian ficou encantado. Tudo nela o encantava.

— Eu o amo.

A conversa foi interrompida pela visão de alguns aldeões. Eles trabalhavam colocando carvão em cima das carroças. O frio fazia com que aquele trabalho fosse diário.

E não era fácil. O rosto sofrido comoveu Lana.

Subitamente, Brian a deixou. Caminhou até os homens, e foi recebido com sorrisos. Percebeu que apesar de chamá-lo de Perverso, ele era por demais querido naquela terra.

Quando o viu sujando as mãos, entendeu que em nada ele lhe lembrava dos demais senhores feudais. Os músculos rígidos por debaixo da camisa ficaram a mostra, enquanto ele erguia uma tora de madeira.

Repentinamente, ficou aquecida. Aquela visão máscula de força deixou-a arrebatada, fraca, languida.

Tentou desviar o olhar, não conseguiu.

Pelos céus, ela o queria!

Ela o queria tanto que precisou apertar as coxas uma contra a outra, na tentativa desesperada de conter aquela urgência.

Estava ao ponto de ir até ele, pedir-lhe que a tomasse, quando a razão sobressaiu-se àquela loucura.

Brian voltou até ela. Estava suado, mas sorridente. Ela desviou o olhar e prosseguiu a caminhada.

Sua vida em Castelo Branco começava a tomar um rumo inimaginável.



Após o banho, Lana sentou-se diante da Lareira no quarto. Imersa em seus pensamentos, mal percebeu a entrada de Morgana, que vinha a lhe trazer chá.

Uma Vagante nunca bebia chá servido por um não Vagante. Ela aceitou o de Edna, porque eram cunhadas e havia uma confiança implícita entre elas.

Contudo, não sentia aquilo por Morgana. Então, apenas deixou a xícara lá, sem tocá-la, e permaneceu em silêncio.

— Teve um bom passeio, minha senhora?

Lana percebeu a tentativa de aproximação. Sorriu.

— Sim, saí com meu marido.

O que ela queria dizer era “meu marido lindo e másculo que simplesmente desapareceu depois de me deixar em casa, e do qual estou ansiosa para ter na cama”, mas limitou-se a explicação mais pueril.

— Sabe onde seu senhor está? — indagou à serva.

— Senhor Brian foi verificar como estão os cavalos. Ele gosta muito dos equinos.

— Percebi...

Subitamente, um movimento de aproximação. Morgana curvou-se a ela, gentil.

— Pode contar comigo, minha senhora...

— Como?

— Sei que sofre por ter sido obrigada a casar-se com o Perverso. Ele é um homem muito cruel e desumano. Sabia que batia nos empregados quando descumpriam suas ordens?

A frase a chocou. Aquele não era o Brian que ela conhecia.

— Se ele tentar agredi-la, grite por mim. Apanharei pela senhora, se for preciso.

Capítulo 09

C O T I D I A N O

— Pensei que havia dito que nunca mais viria até mim.

Lana deu os ombros. Elbio sorriu para a filha, enquanto prosseguia em seu artesanato.

Quando ele a entregou em casamento, ela lançou mil maldições contra o pai. Agora, porém, sabia que nenhuma teria proveito, pois nenhuma havia sido sincera. Ela o amava.

— O que acha do meu marido, pai? — questionou, sentando-se ao seu lado.

— Eu não iria entregá-la a um homem ruim.

— O chamam de Perverso.

— Porque exige comprometimento com quem trabalha. Mas, paga por cada trabalho de forma justa.

A linha do artesão passou as mãos dela. No passado, Lana sempre o ajudava no ofício de fazer as mantas.

— Dizem ser violento.

— Ele foi com você? — O pai pareceu preocupado.

— Como se ele pudesse — ela riu.

Elbio gargalhou, acompanhando-a.

— Filha, ele pune com justiça. Ouvi histórias de que um dia pegou um homem batendo numa das éguas grávidas. Ele viu o homem dar cinco varadas no lombo do animal. Depois disso, pegou a mesma vara e deu cinco varadas nas costas do homem. Você vê violência nisso?

— Eu vejo justiça.

— Eu também. Contudo, nem todos tem o mesmo pensamento. Muitos acham que não há problema no sofrimento dos bichos porque eles são inferiores a nós, homens e mulheres.

Lana assentiu.

— Vejo um pouco de Vagante nele — o pai afirmou, diante de seu olhar assombrado. — Sabe? A bondade com a natureza, o cuidado com a irmã...

— O senhor já sabe sobre Edna?

— Um homem forte e valente como Brian Clark, com poderes de chegar ao Rei e pedir pela morte de Mael... Imagine o quanto ele se esforça para cumprir a lei dos Deuses. Isso, minha filha, é a verdadeira fé. Lutar contra todos os seus instintos, contra o próprio ego, sua vontade de praticar a vingança... Isso é fé! E é impossível para eu não acreditar no caráter de um homem que tem fé.

Lana sorriu. Aquela história aliviava muito seu coração.



A neve estava fofa e Lana sentiu que, de alguma maneira, havia se acostumado a andar naquele terreno gelado.

Olhou para cima e viu o sol a brilhar, entre as nuvens escuras.

— Diga-me, Masha... Quando disse para que eu não me enganasse, falava sobre Brian ou sobre minha própria analise precoce sobre ele?

Na vida, você aprende errando. O pai sempre lhe disse isso, e ela sempre encarou sua existência como uma grande aprendizagem. Porém, sobre Bran... Não havia espaços para erros. Com Bran ela não podia errar.

Para que Masha, Cashel e Bran estivessem prestes a encarnarem, as coisas deviam estar complicadas no mundo espiritual. A velha batalha do bem contra o mal parecia estar pendendo para um lado.

— Falando sozinha, mulher?

A voz de Brian fê-la girar o corpo em sua direção.

— Vamos para casa? — ele ofereceu seu braço e ela o aceitou.

A caminhada foi vagarosa. Nada disseram, enquanto mergulhavam num silêncio tranquilo e confortador.

A vida poderia ser aceitável e até muito boa ao lado dele, caso Lana não

tivesse uma missão tão importante.

Repentinamente um uivo agudo de agonia. Brian largou suas mãos e correu em direção a um monte.

— É um lobo ferido? — ela indagou, preocupada.

Ele retirou o casaco e ergueu um pequeno filhote nos braços, aquecendo-o.

— É uma raposa.

Aquele cuidado. Antes com Ewen e agora com aquela pequena beleza laranja fez todo o corpo de Lana pulsar.

— Vamos cuidar dela — ele avisou.

Ela o seguiu até Castelo Branco num misto de alívio e desespero.

Ali estava Masha respondendo a sua prece. Era Brian. Era ele... Era ele apesar do temperamento difícil. Era ele com todos os seus defeitos. Era ele...

— Vou colocar banha de porco no ferimento da perna dela — ele lhe disse, assim que chegarem. — Depois conversamos.

Quando sumiu de suas vistas, ela sorriu.

Enfim, tinha certeza de que Bran teria o melhor pai que uma mulher poderia encontrar.



O quarto estava iluminado pela lareira que o aquecia. Morgana adentrou um tanto temerosa, encarando a senhora que mantinha o semblante firme contra ela.

— Não vou dispensar seus serviços porque sei que precisa de trabalho — Lana disparou, à queima roupa. — Mas, não tente mais me intrigar com meu marido. Se falar mal de Brian para mim novamente, irei dispensá-la. Estamos entendidas?

Não havia espaço para contestar. A Vagante de olhar verde esmeralda era extremamente firme e direta. Nada restou a Morgana além de concordar e se afastar, ruborizada pela raiva e vergonha.

Capítulo 10

A MULHER DO PERVERSO

— Como está a raposa?

— Vai sobreviver.

Brian adentrou o quarto retirando o grosso casaco. Próxima da cama, Lana parecia analisá-lo, o que ocasionou a pergunta:

— Aconteceu algo?

— Aconteceu você — ela respondeu.

A gargalhada masculina pareceu rouca e quente.

— O que eu fiz dessa vez?

— Me provou ser um homem de valor.

— Porque passei banha de porco nos machucados de uma raposa? — ele brincou.

— Sim, por isso também.

Aquele tom sério fez o sorriso sumir da face de Brian.

— Também? — insistiu.

Os passos dela avançaram. Ele não a segurou, mesmo quando o corpo feminino quase resvalasse ao seu. Enfim, estavam um diante do outro como o

que eram... como homem e mulher.

— Eu quero você — ela murmurou, e todo o corpo de Brian entrou em ebulição.

— Para que eu não cometa o mesmo erro da primeira noite, você pode afirmar isso novamente, e também assinar um documento comprovando que fala sério?

A gargalhada dela uniu-se a dele. Era tão fácil, quando era entre eles.

— Eu te disse que um dia seria minha — ele reafirmou.

— Não é a hora de contar vitória, Brian — Lana retrucou. — Eu não disse que sou sua. Eu disse que quero você. Eu sou a dona, entendeu?

Ele assentiu.

— Sim, querida... Para o resto de nossas vidas.



A sensação de Brian por trás de Lana era incrivelmente maravilhosa, como se ela estivesse segura em uma fortaleza de músculos e amor. Sentiu o coração dele bater mais rápido e um formigamento intenso a envolveu.

Brian desabotoou a fileira de botões de pérolas de suas costas, deixando com que os lábios trilhassem o mesmo caminho dos dedos, fazendo com que a

pele de Lana se arrepiasse.

Ela estava tão entregue. Tão fortuitamente segura da decisão que tomara que a primeira noite desastrosa sequer passou pela sua mente.

Os dedos masculinos entraram nas calçolas, massageando uma parte sensível de suas nádegas e só então Lana percebeu que era a primeira vez em sua vida que alguém lhe tocava com tanta intimidade.

— Brian!

O empurrão foi surpreso e assustado.

— Fiz algo errado?

A pergunta foi seguida com o próprio retirar das roupas. Brian queria seguir o ritmo dela, mas não escondia o quanto a desejava como mulher.

A boca feminina secou, enquanto o tórax de pelos rasos surgiu diante dos seus olhos. Ao perceber a respiração rápida, Brian a atiçou com um brilho estranho no olhar, totalmente oposto a doçura com que ele costumava lhe encarar.

Ainda assim, Lana não perdeu a segurança. Aquele homem... Aquele homem deliciosamente perfeito era seu marido e estava esforçando-se para criar um vínculo intenso com ela.

— Contou-me que seu pai traiu sua mãe, e teve Edna — ela murmurou. — Você procuraria outra mulher?

— O que está dizendo? Ficou louca? — ele riu.

— Um dia não serei bela. Talvez antes mesmo que a velhice me toque. Pode ser que eu fique feia quando estiver grávida e você perca o interesse.

Preciso deixar claro que se pensar em me trair, eu irei matá-lo — ela afirmou, muito firme. — Não sou como sua mãe.

— Não busquei uma mulher como minha genitora — ele retorquiu. — Na verdade, você é exatamente o oposto dela. Mas, em relação a fama de infidelidade de minha família, não se preocupe. Meu tio-avô, Joshua, só tem olhos para sua esposa, Elisabeth. E eu sei que tenho algum traço dele em mim, porque não penso em nada nem ninguém desde que pus meus olhos sobre você, naquele dia em que chegaram a Castelo Branco.

Lana sorriu. Seu coração transbordava uma emoção desconhecida, como se um arco-íris multicolorido a dominasse.

Sentindo aquilo, Brian não lhe deu tempo de fugir. Puxou-a contra ele, e a levou até a cama. Desceu suas calçolas enquanto a deitava na cama, acomodando-a abaixo dele.

Ele parecia tão felino, naquele momento, os olhos voltando a expressar uma fera em caça. Lana percebeu que ele queria dominá-la, então não pestanejou. Atacou seus lábios com fúria e paixão.

Aquele beijo durou um bom tempo. Foi um prenúncio de toda exploração sexual que ambos fariam. Eles precisavam se conhecer, as mãos tateando sem controle, os corpos pulsando um contra o outro.

— Lana...

A mão masculina a tocou em seu centro. Ela assentiu, concordando com algo que sequer havia sido pronunciado.

— Tem certeza? – ele perguntou, a voz rouca.

Faça! Faça!

Pela primeira vez na vida, ela queria a dor. Ela queria sentir cada pedaço dele adentrando nela. Mas, ao invés da carne dura, o corpo de Brian não se fundiu ao dela, imediatamente.

Ele começou com movimentos suaves, deslizando a coxa contra ela, para cima e para baixo, deixando-a em êxtase.

Que sensação é essa?

Lana arqueou o corpo quando sentiu os movimentos se intensificando. Um prazer dolorido fê-la gemer alto. Não demorou para que explodisse contra as coxas grossas e peludas.

— Brian... – havia constrangimento naquele murmuro.

Ele se afastou um pouco, beijando seu rosto, respeitando seu tempo para que o autocontrole dela voltasse. Assim, ela o viu por inteiro. O corpo bem definido e moreno.

— Você é tão linda, Lana...

Segundos depois, Brian se ajoelhava diante dela. Beijou seu baixo ventre e suas coxas. Levou a boca à dela, enroscando-se, cobrindo seus lábios com paixão.

E então Lana o quis. Mais que tudo. Mais do que quis outra pessoa ou outra coisa em sua vida.

E tinha que ser naquele instante. Naquele momento em que eram ambos um do outro como nada nem ninguém jamais fora, em toda eternidade.

Brian também parecia estar em seu limite. Segurou o próprio mastro e afundou-se nela.

Ainda se beijavam quando ele a completou. E foi algo incrível, sem a dor, sem a raiva, apenas aquela admiração e paixão que eclodia em suas jovens almas.

— Brian...

— Apenas me sinta, Lana — ele gemeu. — Estou entregue a você.

Olharam-se. Ele tinha lágrimas nos olhos.

— Eu preciso de você... – ele disse com voz falha. — Eu sempre precisei de você. E eu te esperei por muito tempo. Antes mesmo de conhecê-la, eu já a aguardava. E eu te amo... Eu te amo...

Lana sentiu as lágrimas surgindo e as reprimiu. Instintivamente, ajeitou o quadril, facilitando o encaixe.

— Lana...

Ele pareceu hesitar.

— Eu sou seu marido, mas se você não quiser, eu posso parar. Eu pararia por você.

Beijou-o com ardor.

— Você é tão tolo, Brian Clark... — gemeu. — Tão tolo que ainda não percebeu o quanto eu sou sua, de corpo e alma, e que lutei muito contra isso porque achei que não era para ser você... — ela riu, as lágrimas envoltas no riso. — Mas, era você... Eu também sou tão tola... Era você...

Ele passou os dedos em seu rosto e, então, lento e cuidadoso afundou-se até o fim.

Foi gentil, beijando enquanto a possuía; preocupado em não feri-la como

na primeira vez, preocupado em ser para ela o homem que ela buscava.

Lana apertou os braços ao seu redor, sensações maravilhosas dominando-a.

Prazer e gozo.

Lágrimas e emoção.

A semente quente dele inundando seu centro, tornando-a única...

E naquele instante ela fez um único pedido aos céus.

Que Bran abençoasse aquele sentimento, porque ela não seria capaz de dar outro pai ao filho. Depois de Brian, jamais haveria outro.

Capítulo 11

O AMOR REAL

O sol a acordou. A luz pareceu tocá-la em seu leito, e ela sentiu a mão masculina do marido segurando-a pela barriga.

Subitamente, sentiu Bran. Ele estava ali, sendo gerado em seu ventre. É claro, não tinha certeza nem provas, mas ela sabia. De alguma maneira, ela sabia.

Sorriu, inesperadamente a mulher mais feliz do mundo.

Descobriu-se apaixonada e enfim cumprira a vontade da Deusa a qual amava. Tudo havia se encaminhado para o final feliz assim que ela abriu seu coração.

Se soubesse disso desde o princípio...

— Você está chorando?

A voz de Brian fê-la girar-se em direção ao marido. Riu, sentindo o rosto molhar.

— Estou feliz — respondeu.

E aquilo era absurdamente verdadeiro.



Morgana a encontrou no final das escadas. Parecia solícita e ansiosa por desculpar-se com sua senhora. Lana sorriu para ela, também entendendo que não lhe queria mal.

Amar e ser feliz tinha aquelas vantagens, era difícil detestar o mundo quando tudo que se queria era sair dançando alegremente pelo castelo.

— Irei ver minha cunhada — avisou. — Gostaria de me acompanhar?

A definição de Edna como membro da família foi ouvida em alto e bom tom não só por Morgana, mas também pela criadagem que circulavam pelo lugar.

Alguns rostos volveram-se para a Senhora do Castelo Branco, outros, mais discretos, apenas arregalaram os olhos e afastaram-se, em cochichos recriminadores.

— Será uma honra, senhora — Morgana declarou.



— Você teve algum sintoma? — Edna indagou. — Como sabe?

— Eu simplesmente sei — a outra sorriu.

Estavam sentadas à mesa. De um lado, Lana parecia brilhar. Do outro, Edna parecia duvidar. E no meio, Morgana estava em um silêncio perturbador.

Ela havia fracassado.

— Pelo jeito você quer muito esse filho — Edna sorriu. — E eu sei que Brian ficará nas nuvens.

— Ele será um ótimo pai — Lana concordou. — Me encanta a maneira como ele lida com Ewen.

Edna assentiu, orgulhosa.

— Você não podia ter escolhido um homem melhor — afirmou. — Serei tia! — deu-se conta subitamente. E então se ergueu e abraçou a outra. — Serei a tia mais coruja que essa criança poderia ter.

Lana sabia. Bran nasceria cercado de amor.



— Ainda não entendo seu desespero — Mael deu os ombros. — Era óbvio que um dia a esposa de Brian iria pegar barriga.

— Tolo! — Morgana gritou. — Isso não devia ter acontecido! Mas, a

desgraçada nunca tomou os chás que lhe servi!

O homem não pestanejou em rir.

— Pelo jeito a Vagante não é nada tola.

Ambos, escondidos na floresta, pareciam absorvidos em suas próprias mentes. Mael não queria Brian feliz, e Morgana ansiava por cumprir a vontade do sacerdote de seus sonhos.

E ela nem entendia os motivos. Aquele tal de Vogan, nada devia a ele. Mesmo assim, algo em seu íntimo a incumbia a cumprir sua vontade.

— Preciso ficar grávida — Morgana murmurou, recordando-se da conversa.

— Ficou louca? — Mael recusou. — Isso tudo é por inveja? O que faremos com um pirralhão minando nossa vida e nossa juventude como um parasita?

Ela nem parecia lhe ouvir.

— Vou parar de tomar os chás — avisou.

— E como vamos fazer sexo se fizer isso?

— Talvez eu consiga seduzir Brian e ele me coma.

— Quer engravidar dele?

— Ele não precisa ser o pai. Pode apenas achar que é.

Aquilo parecia uma excelente ideia para Mael. Destruiria a sanidade e o casamento do primo.

— Acha que consigo seduzi-lo? — Houve um traço de medo na voz de Morgana.

— Eu não tenho dúvidas, meu amor. Você é um pecado ambulante.

Repentinamente, aproximou-se dela e a tomou nos lábios. Com certa brutalidade, encostou-a em uma árvore. Morgana estava pronta para ele.

Ela sempre estava pronta para ele...

Capítulo 12

U M H O M E M D E H O N R A

Uma semana se passou desde que Lana percebera que gerava Bran. Até então, ela nada havia dito ao marido. Esperava pelo momento certo.

Todavia, eles agora faziam amor todas as noites. Encontros que sempre a deixavam languida e atrevida. A dor da primeira vez nunca mais se repetiu, e passaram a usufruir de toda a paixão que estava a uni-los.

Brian pensava nisso naquela manhã em que selava o cavalo. Queria ir até uma das cidadelas do feudo para verificar como as coisas estavam por lá. Mesmo por pouco tempo, mesmo que por poucas horas, lhe doía deixar Lana fora de suas vistas.

Ele sempre sabia onde ela estava. Normalmente, ia ver a irmã. Às vezes, o pai ou outro membro do clã.

Em alguns momentos, foi seguida pelo tal Vagante Simon, mas o homem logo foi afastado por Brian, que o intimou em segredo, quando o percebeu atrás de sua mulher.

A vida podia ser tranquila e feliz e estava sendo. O próprio Mael parecia absorto em seus problemas e não mais lhe incomodava.

Brian não trocaria nenhum daqueles dias por qualquer outro de sua

existência.

— Meu senhor?

Brian voltou-se para a voz feminina atrás dele. Era a ama da esposa.

— Aconteceu algo com Lana?

— Ela está bem, meu senhor. Apenas, gostaria de lhe falar...

Brian largou a sela e voltou-se completamente a outra. Morgana era uma bela mulher, ele já a havia notado antes, sempre as voltas com Mael.

Imaginou que o primo um dia fosse desposá-la, mas nunca aconteceu. Imediatamente, imaginou que acontecera com ela o que houvera com sua irmã.

— Alguém lhe fez mal?

O olhar de Morgana arregalou-se, mas ela não lhe respondeu. Parecia em conflito.

— Não fui estuprada, se é isso que indaga, meu senhor — ela disse, por fim. — Apenas... Eu precisava lhe falar algo, e agora que estou diante de ti, não consigo dizer as palavras...

Brian sorriu. Aproximou-se e segurou suas mãos.

— Não carece se preocupar. Apesar de minha má fama, descobri nos últimos dias que levo jeito com as mulheres.

Morgana riu, acanhada.

— Eu sei que ama sua esposa, e sei que está feliz ao lado dela — disse, firme. — Mas, quero lhe confessar meus sentimentos e dizer-lhe que estou disponível...

As mãos foram soltas.

— Como?

— Não preciso de nada além de uma casinha em um lugar ermo. A Senhora Lana jamais descobriria e o senhor teria um momento de...

— Por favor, não continue. — Os pensamentos de Brian tornaram-se um turbilhão. Por fim, ele conseguiu alinhá-los. — Está passando por dificuldades? Precisa de um lugar para ficar?

— Eu o amo — ela murmurou, chorosa. — Não é uma troca, não precisa me dar nada.

— Mal me conhece — retorquiu.

— Sempre o amei em segredo — devolveu. — Nunca tive esperanças. E agora se casou... Não desejo mal a sua esposa, só queria um consolo... Uma única lembrança — aproximou-se, tentando lhe tocar na face. — Por favor, um único...

Brian afastou-se, rumando para o outro lado.

— É uma linda mulher, Morgana. E eu sou um homem grosseiro e bruto. Tenho mais defeitos, tantos que nem sei enumerar. Mas, não sou um traidor. Quando jurei amor a Lana, eu falava sério. Não trairei minha esposa, então lhe recomendo esquecer tudo isso, e seguir sua vida. Não se preocupe, ninguém saberá dessa conversa, mas não tente novamente algo que não vai acontecer.



— Sabia que eu passo o dia inteiro pensando em você?

A pergunta veio da porta, e Lana voltou-se para o marido, que sorria em sua direção.

— Tem um feudo para se preocupar! — ela parecia zangada, mas não estava.

— Soube que Iwan está tendo problemas em Cashel. Um grupo de rebeldes está matando brancos — ele contou o que ouvira na cidadela. — Se pedir minha ajuda, terei que ir até ele.

Aquela não era uma boa notícia.

— Espero que o Rei Ruivo esqueça da sua existência.

Brian gargalhou, e aproximou-se da esposa. Segurou sua face e lhe deu um doce beijo.

— Preciso de um banho — ele murmurou.

— A criadagem já trouxe água quente.

Ele assentiu e foi até a sala anexa em que uma enorme tina de madeira o aguardava.

Lana o observou se despir. Cada pedaço da pele firme surgindo, deixando-

a quente. Ah... e pensar que ela pusera as mãos em cada parte dele...

— Marido — ela murmurou, enquanto ele adentrava na água quente. — O quanto você me ama?

Ele sorriu.

— Eu te amo muito — a resposta fê-la aproximar-se dele.

— E esse muito significa o quê?

— Eu deixaria me matarem por você.

Ah, como era bom... Cada palavra, cada tom de voz... Era como fazer amor de outras maneiras.

Depois, Lana voltou para o quarto e o aguardou.

Era um ritual. Ela sempre se limpava e se perfumava tão logo o sol se punha. E então, aguardava pelo marido. Cada momento daqueles dias após se acertarem era deveras emocionante.

Logo Brian surgiu à porta. Seu semblante era tomado pelo desejo, pela lasciva. Então o homem retirou a longa toalha que o cobria e se mostrou nu a esposa. A postura dela era tão delicada e calma que Brian quase riu.

Era uma doce tortura...

Mordendo o lábio inferior, Brian impediu que um gemido escapulisse de seus lábios assim que ela se ergueu e retirou a camisola.

Ali estava: um macho e uma fêmea, prontos para a mais antiga dança de amor do mundo.

— Lana... — aproximou-se. — Perdão, mas hoje não poderei ter calma.

Lana baixou o olhar. O membro de Brian erguia-se em sua direção, como se a chamasse.

— E quem disse que quero que resista a mim?

— Eu não, pode acreditar — ele riu.

Fundiram as bocas num beijo intenso. Tão próximos quanto possível, começaram a caminhar em direção à cama. Assim que Lana sentiu os lençóis de linho contra suas pernas, deitou-se devagar para trás, sem deixar que Brian se afastasse em nenhum momento.

No entanto, para espanto de Lana, Brian distanciou-se um pouco. Ficou de joelhos na cama, entre as pernas da esposa, e passou a admirar aquela Lana tensa, avermelhada e excitada.

—Você é tão linda – disse Brian, encantado. – Às vezes parece uma porcelana bem cuidada. Tenho medo de quebrar você...

— Não vai me quebrar... – A voz de Lana demonstrava o quanto estava acesa.

Oh céus, como ela o queria...

Escondendo um sorriso safado, Brian agachou-se um pouco. Erguendo as coxas de Lana, colocou as pernas sobre os ombros. Assim, Lana ficava completamente exposta a ele.

— Sabe, você é pequena? – Brian comentou, lambendo a parte interna das coxas. – E, ao mesmo tempo, de um tamanho grandioso. Acho que deve ser por conta da sua personalidade.

Ela lhe deu um pequeno safanão no braço.

— Eu não disse? — ele murmurou, rindo. — Personalidade irrequieta. Foi a primeira coisa que notei depois de me encantar pelos seus olhos verdes.

O restante do elogio se perdeu nos lábios de Brian quanto o rapaz abocanhou a sexualidade de Lana. Enfiou toda a extensão da língua dentro dela, e depois a tirou vagarosamente. Lana começou a gritar uma série de súplicas que o marido entendeu como um deleite.

— Gostoso... – disse, ao chupar mais forte. – Seu gosto é tão bom...

Talvez por ser seu primeiro contato com o sexo oral, ou até mesmo por conta de toda carga sexual que Lana estava reprimindo desde que o conheceu, o orgasmo se aproximou cedo demais.

— Brian! – Lana gritou. – Não quero gozar agora! – pediu. – Quero gozar com você dentro de mim...

— Não – negou-se. – Quero sentir o gosto do seu prazer.

Para surpresa de ambos, logo Brian descobriu a sensação. Enquanto lambia a extensão dos grandes lábios de Lana, sentiu-a pulsando com rapidez. Os gemidos de Lana também se intensificaram, e logo um líquido gelatinoso deslizou pelos seus lábios.

— Doce... – caracterizou, enquanto deslizava a língua pelos próprios lábios. – Até seu sexo é doce...

— Essa foi a coisa mais estranha que você já me disse! – Lana gargalhou, tentando controlar a respiração.

— Não reclame – Brian riu. – Ainda tem tanto a descobrir ao meu lado.

Lana sentia o sangue ferver nas veias. O aviso a incendiou novamente, mas o clímax que acabara de ter lhe tirou a energia.

— Vou precisar de alguns minutos... – comentou.

— Não posso esperar... – Brian balançou a cabeça, deitando-se em cima de Lana.

Ela gargalhou.

— Está louco?

— Só erga um pouco suas pernas...

Entretanto, Lana não conseguiu. O sexo oral de Brian havia destruído suas forças. Dessa forma, foi ele mesmo que, segurando as duas coxas de Lana, as ergueu contra seu quadril.

— Assim não vou conseguir meter... – Brian murmurou a si mesmo.

Lana não conteve uma risada. Brian nunca havia usado um linguajar vulgar com ela. Sempre esperou dele a mais fina atitude de um nobre. Contudo, naquele instante o percebeu homem como todos. Quase um Vagante como ela.

— Me dê cinco minutos.

— Estou muito duro...

Então o homem beijou cada joelho feminino e forçou mais para cima. Logo todo o centro melado de Lana se tornava acessível ao membro firme do Senhor de Castelo Branco.

— Ah... Delícia... – comentou Brian, ao posicionar-se à entrada. – Como eu gosto disso...

Aos poucos foi enfiando-se para dentro de Lana. A morena gemeu alto, mas não reclamou. De olhos fechados, Brian foi colocando vagarosamente o membro, tendo o cuidado de não machucar a esposa.

— Coloca bem fundo – ouviu a voz suplicante.

Cego no próprio desejo, Brian cumpriu lhe a vontade. Em segundos estava completamente dentro de Lana.

— Você está tão apertada... – gemeu.

Puxando sua nuca, Lana o uniu num beijo. Era um beijo tão carnal que Brian viu-se retirando o membro rígido apenas para meter novamente, de forma mais violenta.

— Ah! – O grito de Lana o fez estancar.

— Machuquei você? – Indagou.

Olhou diretamente o rosto da mulher. O sorriso desavergonhado de Lana, no entanto, o fez notar que não foi a dor que a fez gritar.

— Não me assuste – ficou sério.

— Você tem muito medo de me ferir Brian – Lana sorriu. – Tem tanto medo que não percebe que desde a nossa primeira noite, cada investida sua me traz mais prazer.

As sobrancelhas de Brian ergueram-se, confusas.

— Gosto quando perde o controle e fica mais bruto... — ela assumiu, sem medo.

Demorou-se alguns segundos até Brian conseguir entender que Lana gostava de senti-lo agressivo no sexo. Não, obviamente, uma agressão vazia. Mas sim aquela provocada por um Brian completamente guiado pela luxúria.

— Você gosta de me ver desesperado por você, não é? – provocou, compreendendo a intenção da mulher.

Não houve resposta. Não precisava. Os dois emudeceram e deixaram que a voz desse lugar aos gemidos de prazer. Começou a enfiar mais forte quando o clímax se aproximou. Saber que Lana gostava da força libertou-o de qualquer pestanejar na ação.

Quando sentiu que a paixão eclodiria tentou tirar o pênis para fora, quando as mãos da mulher o envolveram na nuca.

— Dentro... – pediu, de forma doce. – Dentro de mim...

E Brian deu a esposa exatamente o que ela queria.

Capítulo 13

A DESCONFIANÇA

Mael estendeu as mãos para o enorme forno a lenha diante dele. Naquela manhã o orvalho havia congelado, tornando todo o redor do feudo um enorme universo branco.

Nunca gostou dali. Mas, não pretendia ir embora. Havia em si a revolta pelos direitos roubados. Tia Helieta o havia amado mais que tudo, mas tudo que ele tivera fora simplesmente um cargo alegórico de administrador. Porque, francamente, nem isso Brian deixava ele cumprir.

O primo, ao contrário, tinha tudo. Até o carinho do rei Ruivo, famoso por não gostar de ninguém.

E depois, a Vagante. Brian se encantou pela mulher e a conseguiu, mesmo contra a vontade dela. E, agora, a sorte lhe dera mais um presente: o desejo daquela beldade.

— Se ela não toma seus chás, não conseguirá fazê-la perder o bebê — ele murmurou.

Morgana, ainda deitada sobre as peles, parecia em conflito.

— Eu não estou tomando os chás. Sei que preciso engravidar também.

— Absurdo, se Brian já disse que não se deitará contigo...

Morgana não sabia se devia abrir o coração ao amante, e falar sobre Vogan. Então permaneceu em silêncio. Não importava a opinião de Mael sobre sua gravidez. Importava era cumprir a vontade do negro porque...

Por quê?

Subitamente, entendeu que havia uma guerra do bem contra o mal no universo. E, mesmo sem saber de que lado estava, ela soube que escolhera o lado de Vougan.

— Estava pensando... — murmurou.

Mael volveu para ela.

— Se Brian não quer se deitar comigo, não poderei fazê-lo acreditar que terei um filho dele. Mas...

— Mas?

— E se fizermos Lana acreditar?

Mael lhe dedicou um sorriso que a arrepiou. A certeza mais uma vez a dominou.

Lados não mais importavam. Mael e ela eram uma unidade que jamais se quebraria.



— Meu senhor?

Brian Clark estava sentado à mesa, bebendo hidromel e comendo queijo. Era um café da manhã reforçado para aguentar o dia pesado que teria.

A neve que havia abrandado no mês anterior agora voltava com força. O frio parecia corroer os ossos e ele previa que as doenças pegariam seu povo de jeito.

Teria que pedir auxílio à prima Élen. Ela havia nascido em Masha, junto à avó Melissa. Conhecia as plantas melhor que ninguém. Precisava se prevenir de algum surto.

— Sim? O que deseja?

Morgana apareceu diante dele com o semblante gentil e preocupado. Depois da confissão e de ser renegada, ela não mais o buscou. Brian sentia muito por ela.

— Não gostaria de lhe falar agora. Pode me encontrar no celeiro daqui à uma hora?

— Não acho prudente — negou.

— É sobre Mael.

A frase fê-lo arquear as sobrancelhas. Tentou ler as intenções da mulher, mas viu-se sem saída diante dela. O primo aprontava – era seu costume – e se Morgana estivesse a par de algo, era dever dele, como o Senhor do lugar, tomar providencias.

— Estarei lá.

Ela assentiu, humilde. Depois se afastou. Por algum motivo, o braço de

Brian se arrepiou diante daquilo.



— O que você quer?

Depois de acordar sozinha na cama, Lana buscou pelo marido. Brian, como sempre, havia saído cedo, para cuidar dos seus afazeres.

Eles haviam conversado sobre as pestes que – sentia o homem – se aproximavam do Castelo Branco. Uma Vagante conhecia as plantas (talvez não tanto quanto a tal Melissa), mas sabia que poderia ajudar. Assim sendo, chamou alguns aldeões e começou a organizar um ambiente numa casa abandonada, onde poderia ajudar aos doentes, quando a doença os acometesse.

Tanto Lana quanto Brian estavam preocupados com algo que não sabiam se aconteceria. Porém, junto ao privilégio vem a responsabilidade. Ela amava o marido e sabia que ele jamais se perdoaria se algo acontecesse ao povo por culpa de seu despreparo.

Era como dizia o ditado: é melhor prevenir que remediar.

Contudo, enquanto andava entre os homens, indicando onde colocassem as camas, os armários, e como deviam limpar, Mael surgiu diante de suas vistas.

Irritou-se imediatamente pela visão. Tudo nele a incomodava.

— Vou sair buscar algumas ervas, e não tenho tempo para você —

antecipou-se.

Desviou do homem e começou a se afastar da casa. Havia dado cinco passos após a porta, quando sentiu seu braço ser puxado.

Ficou nitidamente revoltada.

— Como ousa me tocar?

— Sei que Brian a jogou contra mim — ele defendeu-se, soltando-a. — Mas, hoje eu vou te provar que ele não presta.

— Você é louco — retorquiu e continuou a caminhar.

Porém, novamente foi interceptada.

— Lana — ele murmurou. — Imploro que me dê apenas alguns segundos. Você precisa abrir os olhos, não pode deixar que a enganem para sempre.

“ *Não deixem que te ludibriem*”, Masha havia avisado.

Mas, e agora? Em quem ela devia confiar? E se estivesse cega pela paixão por Brian?

— Não sairei do feudo com você — apontou. — Não confio em você.

— Sair do feudo? Não é preciso. Basta dar alguns passos, mesmo sozinha, em direção ao celeiro. O que acontece com seu marido ocorre debaixo do seu nariz.

O olhar verde-esmeralda voltou-se para o enorme celeiro a distância.

— Quando ver a verdade, saberá que pode confiar em mim.

Mael então a deixou.

Uma pequena garoa em forma de neve fina começou a cair. O vento gelado tocou-a e ela imaginou se não eram os deuses dizendo-lhe para que voltasse para o castelo, para que não visse o que quer que for que Mael queria que ela enxergasse.

De qualquer maneira, sua curiosidade foi maior que seu bom senso.

Começou a rumar em direção ao celeiro.

Ela queria a verdade, mesmo que doesse.



Brian Clark andou pelo celeiro de forma automática. Morgana não estava lá, mas ele a aguardou porque precisava saber sobre Mael.

Olhou em volta, apenas para acalmar os pensamentos.

Aquele lugar tinha história. Fora ali que o avô Andrew havia visto seu irmão Joshua pela primeira vez. Dizem que fora ali que o mesmo havia flagrado Joshua e Lis em um momento íntimo, o que culminou no casamento dos dois.

O tempo havia passado, como tudo na vida. Andrew morrera, Joshua e Lis estavam velhos. Contudo, aquele celeiro havia sobrevivido. E estava ali, ereto, a abrigar os cavalos do jovem Senhor.

Subitamente, o som de passos fê-lo voltar-se em direção à porta. Morgana apareceu, o rosto enrubescido, a boca um tanto entreaberta, como se ela tivesse

feito uma corrida.

— Desculpe o atraso — ela avisou, e ele sorriu, simplista.

— O que precisava me dizer?

A mulher rumou em sua direção. Seu semblante aflito desnuviou-se. Quando ela estava diante dele, segurou seu rosto firmemente e a puxou contra a ela.

A boca de Brian, até então, só havia tocado a da esposa. Naquele instante, conheceu outro gosto, e não gostou desse.

Não que não fosse homem forte ou viril. Mas, para ele a lealdade vinha junto ao desejo. E ele já havia jurado a uma mulher seu amor.

Desvencilhou-se dela, dando dois passos para trás.

Iria recriminá-la, quando o som na porta fê-lo girar-se naquela direção.

Lana estava ali, de olhos arregalados, e parecendo incrédula.

Morgana girou o corpo e correu na direção oposta, depois de dar um gritinho mudo, de susto. Mas, ele não havia conseguido mexer-se.

Mesmo quando a mulher avançou em sua direção, não encontrou palavras. Era inocente, mas não conseguia verbalizar.

Recebeu o safanão na face sem nenhum susto. Sabia que Lana o daria antes mesmo de ela erguer a mão.

Então, a mulher deu-lhe as costas e correu para longe. Só naquele instante o ar pareceu voltar aos seus pulmões e ele conseguiu raciocinar sobre aquela loucura.

Capítulo 14

A CONFIANÇA

Lana não derramou uma única lágrima. Não que ver Brian Clark nos braços de outra mulher não havia destroçado seu coração, mas sua raiva não a permitia chorar.

Tudo que conseguiu foi gritar de ódio tão logo chegou a uma clareira.

Iria matá-lo. E a ela. Aos dois. Não os pouparia, porque não era do seu feitio poupar a ninguém. Apodreceriam no inferno por terem tido a coragem de...

"*Seja esperta assim para não deixar que te ludibriem quando achar o pai de Bran*".

O pai de Bran?

O pai... Brian...

Quando se recordava da conversa, nunca pensava nela com clareza. Subitamente, contudo, lhe ocorreu que na verdade o que quer que fosse que estava tentando impedir o Deus Bran de nascer envolvia afastá-la do pai dele...

— Lana — Brian surgiu atrás dela, um tanto temeroso de sua reação.

— Você não fez nada, eu sei — ela retrucou.

— Precisa acreditar em mim — implorou. — Aquela louca disse que tinha algo para falar sobre Mael. Cai numa armadilha...

— Não precisa se explicar — ela voltou-se para ele. — Eu já sei.

Como assim já sabia? Não fazia nem dez minutos que tinha metido à mão na sua cara!

— Estou grávida, Brian — contou. — Estava esperando pelas reações que vem um pouco mais tarde, mas acho que você precisa saber de uma vez.

Ele arregalou os olhos.

— Brian? — o tom dela parecia preocupado. — Não ouse desmaiar! Você tem quase dois metros de altura e é bastante pesado. Eu lhe deixo jogado no meio da neve e volto para o castelo, entendeu?

Enfim, pareceu sair do torpor e piscou rapidamente.

— Grávida?

— Sim, você será pai.

— Grávida? — havia um carinho e uma emoção na voz masculina que a fez rir.

— Ficou surdo.

— É que...

— Tem mais — o interrompeu. — Eu não fui autorizada a lhe contar tudo, mas eu vi a Deusa Masha em Cashel, e ela me disse que eu teria esse filho e que tentariam me jogar contra o pai dele.

Era informação demais para qualquer homem.

— Você acredita em mim? — ela questionou. O que diria a seguir precisava da confirmação dele. — Acredita? — insistiu.

— Sempre — ele respondeu de imediato. — Minha família já foi “visitada” por Masha algumas vezes. Meu primo Iwan foi escolhido por ela em pessoa.

— Sua tia-avó Elisabeth também. Masha me contou que a visitou quando jovem e a induziu a ir ver Joshua.

Daquilo ele sequer suspeitava.

— Brian, desconfio que algo grande esteja para acontecer. E acho que as tentativas de Morgana e Mael para nos dividir não tem nada a ver com ciúme ou paixão reprimida. É algo maior. É algo que envolve os deuses.

O homem levou alguns segundos para absorver toda a informação.

— Repita que acredita em mim — ela pediu, sua voz embargou. — Estou desesperada, com medo de que me considere louca.

Ele sorriu. Aquilo pareceu aliviar sua alma.

— Mandarei Mael e Morgana embora. Isso a deixará mais tranquila?

Não sabia. Mas, parecia uma solução perfeita.

— Obrigada.

O homem se aproximou e lhe deu um leve beijo nos lábios. Depois, se curvou e beijou sua barriga.

— Espero que seja uma menina e que tenha seus lindos olhos verdes.

— Será homem.

— Me permita ser romântico — ele riu.

— Seja romântico hoje à noite — ela brincou. — E esqueça a possibilidade de ter uma filha, porque eu estou gerando um menino lindo que terá seus olhos e seus cabelos. Um braiano... Bran.

Ele assentiu e se afastou. Em seu íntimo, Lana emocionou-se em pronunciar o nome de Bran pela primeira vez como seu filho.

Era uma honra pela qual ela jamais teria palavras para agradecer.



Lana não saiu do lugar desde que Brian se fora. Ela sentia que devia ficar onde estava, e ficou. Sentou-se sobre uma rocha e observou a queda da neve.

Cobriu os cabelos com o capuz, protegendo-se como podia.

E então aguardou...

Não muito, mas aguardou.

E ele veio. Alto, lindo, majestoso, negro, com o olhar doce e a atitude gentil. Sentou-se ao seu lado e lhe sorriu.

— Você pensou certo — Cashel murmurou. — Há mais do que o simples nascimento de Bran.

— E é muito sério?

— É maior do que imagina.

A simples presença dele a confortava. E, ela sabia, tudo daria certo no final.

— Um dia entenderá tudo. Mas, esse dia ainda não chegou. — O Deus Negro avisou. — Por hora, descanse, alimente-se bem, e dê a luz a Bran.

— Ele já está em mim, não é?

— Você o sente — Cashel sorriu. — Ele sempre quis você, foi uma escolha pessoal. É claro que havia Melissa; Bran a amava muito, e também a queria, mas Melissa tinha outro papel. Por fim, conseguimos que nascesse no tempo determinado. Você, Mah e Élen.

— Mah eu já conheço. Algum dia conhecerei a princesa?

— É provável. Ela será a Rainha Mãe.

— Se você está aqui, quer dizer que ela ainda não concebeu?

— Mah e Élen estão em Cashel nesse momento. Agora é questão de tempo.

As mãos permaneceram dadas.

— Está ansioso?

— É provável de que eu não me lembre de tudo no futuro, incluindo nossa conversa. E você precisa fingir que ela nunca aconteceu. A trindade precisa se encontrar e se aceitar sem interferências. — Depois, explanou. — Mas, sim, estou feliz em saber que Élen será minha mãe. Eu a amo muito. — O olhar deles se cruzou. — E depois, terei parentes dos quais irei ter muito apreço, como você, Brian...

— E Masha? Como...

— Não se inquiete por isso. Masha não nasceria de outro ventre. Ela ama Mah desde antes do princípio, e dará seu jeito de estar aqui quando for necessária a sua presença. Minha irmã é um furacão.

— Tenho um pouco dela nos olhos — Lana riu. — Eu sei como é... Meu espírito é muito intrigado.

Cashel ergueu seus dedos e depositou um beijo respeitoso em suas mãos.

— Boa sorte minha querida.

— Obrigada.

— E tenha cuidado — avisou. — Assassinato é pecado, mas autodefesa não é.

Diante das palavras enigmáticas, Cashel desapareceu.

Capítulo 15

A MORTE

— Ela acreditou?

Morgana encarou Mael. Ela havia voltado ao celeiro tão logo o Senhor de Castelo Branco saiu atrás da esposa.

— Espiei pela fresta e a mulher deu um tapa tão forte nele que, se fosse em mim, teria quebrado meus dentes — riu. — Mas, não sei... E se ele a convencer?

— Lana é uma mulher teimosa — Mael contrapôs.

— E se seu amor for maior que seu orgulho?

— Amor? Ela casou-se obrigada. E pela sua cara na manhã de núpcias, meu querido primo não foi nada gentil na cama.

— Como seria se nunca tocou uma mulher antes dela?

Um som na porta denunciou que ambos estavam sendo ouvidos. Giraram naquela direção e deram de cara com Brian, que parecia prestes a ter um colapso.

— Seu desgraçado... — o Clark murmurou. — Eu devia matá-lo...

— Me matar? — A gargalhada de Mael eclodiu pelo celeiro.

Morgana, então, sentiu-se estranha. Uma sensação aterrorizante. Havia

algo em si que a impeliu em se afastar do homem e ficar de lado.

Observou Mael enquanto seus passos retrocediam. Era como se estivesse se despedindo.

— Você não me matou nem quando eu estuprei a sua irmã — Mael apontou.

— Minha mãe te defendeu. Depois, a própria Edna não quis que eu desgraçasse a minha alma por vingança.

— Esse é o seu problema. Você é fraco. É incapaz de descumprir qualquer ordem dos deuses.

— Jamais entenderia — Brian murmurou. — Eu posso ser bruto e desajeitado, mas eu sou leal à minha crença.

— Um caderno de rezas é tudo que você tem. Sua dignidade se perde em sua lealdade a Bran.

Era verdade. Desde cedo, um tanto acanhado, Brian havia se dedicado ao deus do norte. Rezava para ele todos os dias, pedia por sua proteção, por sua ajuda com o feudo, e – mesmo sem ir muito aos templos – cumpria com os pedidos das escrituras. O chamavam de Perverso porque era inquieto e hostil, mas diante de Bran ele era apenas um homem bom.

Porém, naquele instante, a fagulha da raiva parecia crescer em seu âmago.

— Você sabe como Ewen foi concebido? — Mael o provocou. Queria vê-lo desgraçando sua fé, entregando-se a maldade que o intimava há muito tempo. — Eu aguardei que você fosse ver sua irmã naquela casinha que construiu para ela. Vi vocês conversando na varanda, tomando chá, trocando carinho. Vocês eram uma família, mesmo que ninguém reconhecesse isso. Então, quando foi

embora, eu aguardei alguns minutos e bati na porta.

Brian segurou a ponta da espada. Precisava se controlar... Precisava...

— Você vai embora — avisou a Mael. — Pegue suas coisas, e desapareça!

— Ela abriu a porta porque achou que era você — continuou, como se não tivesse sido interrompido. — Céus, o susto que levou quando percebeu que não era você. Tentou correr, mas eu a agarrei e a arrastei pelos cabelos até o quarto. Eu a fodi sem dó, a noite toda. Ela sangrava e chorava, e eu ria. Depois, ficou prenhe, e eu até achei que fosse tirar a criança, mas deu à luz. — Pareceu meditar um pouco. — Deve ter gostado da experiência porque ama aquela coisinha que resultou da minha foda.

Brian cegou-se. Seu urro de ódio foi ouvido ao longe. Naquele instante, tudo ficou esquecido. Até mesmo suas promessas a Bran.

Ele avançou. Mael puxou sua espada e os dois se atracaram, com raiva.

Morgana, ao fundo, tentava permanecer em silêncio, enquanto assistia ao combate. Ela sabia que Mael odiava o primo por ter tudo que ele não tinha. Mas, jamais pensou em ver no rosto de Brian tanta raiva, tanto ódio.

Subitamente, as espadas se afastaram e eles começaram a se estudar. Aquela luta resultaria em morte. O primeiro que falhasse seria o que morreria.

— Eu poderia ter sido gentil com Edna — instigou mais. — Enganá-la, claro, mas sem violência. Não seria a primeira, nem a única, nem a última. Quando me mandou a Masha, eu conheci uma ruiva de boa família que acreditou que eu a amasse — gargalhou. — Ah, como era bela a doce Mah... Era como você, tão crente aos deuses, a única coisa que a impedia de se deitar comigo era seu amor a Masha. Mas, nada que as palavras certas não fazem, não é? Olhe para você. Tão leal a Bran, mas está pronto para me matar.

— Eu farei isso por Edna.

— E nunca mais conseguirá ler um dos seus livros sagrados ao seu Deus. Assassinato é pecado imperdoável, Brian... — gargalhou. — Nunca se esqueça disso.

— Mas autodefesa não é. — Uma voz as costas de Mael o fez gelar. — Matar para defender meu marido e a sua virtude não é pecado.

Foi muito rápido. O grito assustado de Morgana seguiu-se ao de Mael. O homem olhou para baixo e viu uma lâmina cruzando por sua barriga.

— Apodreça no inferno, seu estuprador filho da puta — Lana desejou, e então arrancou a espada.

Mael caiu de joelhos diante de Brian, que de olhos arregalados, apenas encarou a esposa.

— De nada — ela comentou.

E então se afastou do celeiro, certa de ter feito o que fora necessário.

Capítulo 16

A REDENÇÃO

O mensageiro da Corte entregou a carta diretamente nas mãos de Brian Clark. O selo do rei adornava o envelope pálido, e ele logo o quebrou, ansioso pela resposta.

— Iwan lhe concedeu o perdão — disse a esposa, que o encarava com apreensão.

— Eu sabia que Iwan me compreenderia.

— Iwan está ocupado com a ocupação em Cashel. — Aproximou-se, tocando-lhe o ventre avantajado. — Um regente respondeu pelo Rei. Diante dos fatos narrados e do testemunho de Morgana, seu ato não terá consequências.

Surpreendentemente, não precisaram coagir Morgana a dizer a verdade. Ela mesma se ofereceu, ainda diante do corpo de Mael, com o semblante carregado de algo além do que Lana podia decifrar.

— Estou grávida — contou-lhe, na época.

A criança seria irmão de Ewen. Um parente de Brian. Eles não poderiam lhe recusar amparo, já que ela não tinha para onde ir.

Lana lhe deu perdão, sem sequer imaginar que Morgana não se arrependia em nada de seus atos.

Brian não gostou em nada da novidade, mas Lana demonstrou ter mais força, naquele instante.

“*A criança não tem culpa*”, disse, firme.

Não sabia, mas a criança que Morgana carregava tinha culpa. E era uma culpa que carregava há milênios.



O maligno vencerá...

Morgana gemeu em seu leito. Ao longe, o vento uivava em uma noite sem estrelas. Vogan surgiu ao seu lado.

— O que verei? — indagou, em seu sonho.

O gritou em sua agonia de parto a tomou. Ainda estava longe o dia, mas ela devia estar preparada.

O maligno vencerá...

O casebre em que morava estava vazio. Ali, apenas ela e uma velha parteira pareciam dividir sua dor.

— O ombro não quer passar — a parteira avisou, nervosa.

“*A criança tem que nascer* — Vogan avisou. — *Não importa o preço. Não importa o que aconteça. Você entende?*”.

Morgana entendia. Ela havia escolhido um lado e agora devia pagar seu preço.

— Me corte então — gritou.

Havia raiva em seu tom de voz.

— Não posso fazer isso...

Era razoável. Não se costumava sacrificar a vida da mãe por um bebê, especialmente porque crescer sem mãe era pior que não nascer.

— Não quero que meu bebê morra.

O maligno vencerá...

O bebê não morreu. Morgana se viu sobre um amontoado de sangue, os olhos arregalados, o último suspiro sendo dado.

A parteira lhe encarava com tristeza, enquanto segurava o bebê de cabelos negros nos braços.

“*Posso saber se será um menino?*” — indagou a Vogan, sentindo lágrimas nos olhos.

O maligno vencerá...

— Asya deve ser seu nome — a parteira respondeu, indicando que era mulher. — Nascida em momento de pesar.

O maligno vencerá...

O maligno para sempre vencerá...



Cashel aproximou-se da ruiva. Ao longe, ela observava Mah. A outra estava sentada sobre uma velha canoa, a encarar o mar, alheia aos olhos dos dois deuses sobre si.

— Nyalla deve estar chegando — ele murmurou à irmã. — Chegou a hora de você ir — indicou.

Houve lágrimas nos olhos de Masha.

— Não tivemos escolha, não é?

— Nós falhamos, minha irmã. É nosso dever...

— É nosso dever consertar tudo — apontou, concluindo. — Eu sinto falta de Bran.

— Vocês vão se reencontrar daqui a alguns anos.

— Eu sei. A você também. Mas, eu temo o futuro. E se falharmos? É a nossa última chance.

— Nem parece você falando. Nunca pensei em vê-la temer os riscos.

— Ver minha doce Mah ser tomada por aquele canalha chamado Gideon...

— Você concordou! — Cashel ralhou.

— Sim, foi uma votação justa. Perdi por dois votos a um. Mas, não o suporto! Ele ousou tocar nos meus ruivos! Ele matou meus ruivos! Eu não o queria para pai.

A Deusa encarou o irmão. O viu rindo.

— O que foi?

— Você falando em votação justa — brincou. — Ah, Masha, como sentirei sua falta...

— Foi uma votação justa e eu aceitei o resultado final! Você queria Gideon, eu não. Bran ficou ao seu lado. Fim.

— Você ameaçou decepar a mão de Bran quando ele votou a meu favor — apontou.

Masha ficou boquiaberta.

— Aquele desgraçado. Terá o único pai que presta.

— Acabou de dizer que sente a falta de Bran.

— Não mais. Lana e Brian são perfeitos. Ele ficou com a melhor parte.

Cashel soltou uma sonora gargalhada.

— Olhe lá — apontou a mulher negra de aparência belíssima que se aproximava da praia.

— Oh céus, ela é tão linda — Masha elogiou Nyalla, e suas palavras não denotavam apenas a aparência perfeita. Nyalla tinha uma alma pura.

A negra aproximou-se da ruiva, e elas conversaram por alguns momentos.

— Ela não devia morrer — Masha sentiu-se lacrimejar. — Devia ser feliz. Ela merece.

— Eu sei.

Mas, Nyalla não podia viver. Nyalla poderia impedir o nascimento de Cashel por sua simples existência.

As mulheres se afastaram da praia e Masha encarou Cashel.

— Eu te amo — ela disse, e era sincera.

Ele sorriu.

— Eu sei.

E então a ruiva desapareceu.



Brian Clark adentrou no quarto e observou a esposa deitada na cama.

— Se eu deito de um lado, incomoda. De outro, incomoda. Se eu deito de barriga para cima, acho que ele vai me esmagar — ela reclamou, despertando a risada no homem.

— Fique calma, o dia do parto está se aproximando, e logo terá seu bebezinho nos braços.

Lana sorriu. Estendeu a mão, chamando o marido para perto de si.

— Diga-me, Brian, você quer me tranquilizar ou me desesperar de vez?

Ele riu, acomodando-se ao lado dela, acariciando seu ventre.

— Se fosse outra mulher, eu temeria o parto. Mas, você... Nossa, não consigo imaginá-la perdendo para a dor.

Ela assentiu.

— E não irei. Minha vontade de ver meu filho crescer é maior do que tudo.

O olhar fixo do marido fê-la arquear as sobrancelhas.

— O que foi?

— Nada. Simplesmente, te amo.

Ela riu, diante da naturalidade das palavras.

— Eu também, Brian...

Desde os últimos meses da gestação, eles não mais se amavam antes de dormir. Naquela noite, contudo, o carinho do abraço trocado entre o sono tinha a tonalidade da intimidade pungente.

Quando Lana acordou de manhã, ao seu lado havia um pedaço de papel com letras escritas com cuidado:



“Sei que te amo.

Amo da maneira mais doce que existe.

Amo como os pássaros,

que cantam a glória da primavera.

Amo como as ondas gélidas,

que se chocam na areia quente.

Sei que amo.

Amo da maneira mais carnal que existe.

Amo como os lábios,

com seus beijos sem cessar.

Amo como a pele,

que se entrega e se dá.

Sei que te amo.

Amo da maneira mais espiritual que existe.

Amo como as flores,

que desabrocham para o mundo perfumar.

Amo como o poeta,

que com o lápis rabisca sonhos em qualquer lugar”



Lana riu diante das palavras. Beijou o papel e o guardou com carinho.

Lá fora, o vento forte bateu contra a janela, indicando mais um dia gelado. Uma leve contração fê-la curvar-se e então ela soube.

Bran estava chegando. E depois dele, nada seria igual .

FIM

DEMAIS LIVROS DA AUTORA



Curta a página no facebook e conheça todos os livros.

https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial

Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários destacaram-se em vendas na Amazon Brasileira.

